



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Ana Catarina da Costa Hilário

**Jornalismo e Tradução: quando a notícia
é produto de dois mundos**



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Ana Catarina da Costa Hilário

**Jornalismo e Tradução: quando a notícia
é produto de dois mundos**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Ciências da Comunicação
Área de Especialização em Informação e Jornalismo

Trabalho realizado sob orientação da
Professora Doutora Sandra Marinho

Nome:
Ana Catarina da Costa Hilário

E-mail:
katarina-kosta@hotmail.com

Telemóvel:
919333071

Número do Bilhete de Identidade:
13719984

Título:
Jornalismo e Tradução: quando a notícia é produto de dois mundos

Orientador:
Professora Doutora Sandra Marinho

Ano de Conclusão:
2014

Mestrado:
Mestrado em Ciências da Comunicação
Área de especialização em Informação e Jornalismo

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 28 de Julho de 2014,

Assinatura: _____

Agradecimentos

À minha orientadora, a **Professora Doutora Sandra Marinho**, pelo apoio, pelas sugestões, pela paciência e pelo carinho.

À *minha mãe* por estar sempre comigo, partilhando cada momento, respeitando cada escolha, fazendo-me acreditar até ao fim. Obrigada mãe por me maneres na linha e por me lembrares que desistir nunca foi o meu forte.

Ao *meu pai* pelas perguntas indirectas e pela preocupação disfarçada. Obrigada pai pelo orgulho estampado e por me fazeres sentir que posso sempre fazer melhor.

À *minha irmã* pelos abraços apertados. Obrigada Bi, minha princesa peste, pela honra de poder ser o teu exemplo.

À *minha metade* pelos dezassete anos de amizade incondicional, pelos conselhos e pela companhia nas longas tardes em busca de bibliografia. Obrigada Maria, minha irmã do coração.

À *minha prima* por estar sempre presente, desde sempre. Obrigada Lipa pelo amparo em todos os momentos.

À *Manela* pela cisma, por nunca duvidar das minhas capacidades e por me obrigar a fazer o mesmo.

À *Sofia* pelos “abre-olhos” e pela sabedoria. Obrigada *queen*.

Às *Patrícias*, ex-colegas de licenciatura e amigas para a vida, pelo bem-querer à distância e pelos *check-ups* ocasionais.

À *Di* e ao *Nuno* pelas palavras e pela ternura.

À *Lu*, amiga de anos, que sempre mostrou preocupação com o meu sucesso e felicidade. Obrigada amiga, somos a prova de que a amizade não ocuplugar.

À *Eli* pelas longas conversas, pelos desabaços e pelo teu coração de ouro.

Obrigada pela humildade.

À Nat, irmã mais velha que nunca tive, pela tua energia e sorriso contagiante.

Obrigada por estares sempre lá para mim.

Ao *Ché*, o meu anjo negro, pelo entusiasmo e por me fazeres sorrir e rir às gargalhadas. Obrigada Mr. Small.

Ao *Roberto* pela motivação. Fez com que eu olhasse para isto tudo de outra maneira. Independentemente de como as coisas acabaram, obrigada.

Aos *restantes amigos* por me aturarem, pelas influências positivas e pela amizade.

Aos *jornalistas* que responderam aos meus pedidos de ajuda e se disponibilizaram para responder à minha meia dúzia de perguntas. Obrigada, mais uma vez, Alison Roberts, Cristina Peres, Francisco Gonçalves, Hélder Martins, Ricardo Ramos, Riza Siza e Samuel Sloop.

Ao professor *Fernando Ferreira Alves*, pela entrevista e pela prestabilidade, e à *Mariana Passos e Sousa* que me ajudou a dar por terminada esta longa fase das entrevistas. Obrigada.

Resumo

Jornalismo e tradução – quando a notícia é produto de dois mundos é uma dissertação que visa compreender de que forma a tradução e os jornalistas se relacionam no meio dos *media*. A globalização levou à necessidade da emissão rápida e eficiente de notícias internacionais e, para cumprir tais requisitos, o jornalismo não teve outra opção senão aliar-se à tradução. É neste ponto que nos focámos, tentando descobrir de que forma isso acontece nas redações portuguesas e quais as diferenças no processo de produção em relação a uma notícia nacional. Tudo isso foi feito por meio de entrevistas a jornalistas profissionais e a alguns tradutores que tenham traduzido para algum jornal ou revista.

De acordo com a investigação aqui levada a cabo, a tradução faz parte da rotina de um jornalista, quer como uma fase do processo de produção de uma notícia internacional quer como um instrumento. Em geral, tem como tarefa facilitar a compreensão das informações transmitidas nas notícias em língua estrangeira. O jornalismo e a tradução coabitam no meio jornalístico, mas não de uma forma pacífica. Isto deve-se, essencialmente, ao desacordo entre os profissionais de ambas as áreas quanto às vantagens da presença de um tradutor numa redação.

Abstract

Journalism and translation – when the news are the product of two worlds is a dissertation that wants to understand how translation and journalists get along with each other on media' sphere. Globalization led to a need to a quicker and efficient broadcasting of international news and, to accomplish these goals, journalism and translation had to ally. It is this point that we investigated, finding out if it happens in Portuguese newsrooms and which are the differences between the production of national news and an international one. We conducted interviews, to journalists and translators as well, in order to determine the true presence and importance of translation in journalism.

According to the research that was being carried out, translation is a part of a journalist's routine, whether as a stage of the process of international news' production or as an instrument. In general, it serves as a tool in understanding the information transmitted in the foreign language news. Journalism and translation cohabit in the news' world but not in a peaceful way. This happens, essentially, due to the disagreement between journalists and translators as regards the advantages of the translator's presence in a newsroom.

Resumen

Periodismo y traducción: cuando la noticia es lo producto de dos mundos es una disertación que tiene como objetivo comprender de qué forma la traducción y los periodistas se relacionan en el meo de los *media*. La globalización forzó una emisión más rápida y eficiente de noticias internacionales y, para cumplir estos requisitos, el periodismo y la traducción tuvieron que trabajar en conjunto. Es este punto en que nos enfocamos, tratando de descubrir de qué manera esto se pasa en las redacciones portuguesas e cuales son las diferencias en el proceso de producción en relación a una noticia nacional. Todo esto se hizo por meo de entrevistas a periodistas profesionales y a algunos traductores que tengan traducido para algún periódico o revista.

De acuerdo con la investigación aquí llevada a cabo, la traducción es una parte de la rutina del periodista, sea como una fase del proceso de producción de una noticia internacional o como un instrumento. En general, tiene como tarea facilitar la comprensión de las informaciones transmitidas en las noticias en lengua extranjera. El periodismo y la traducción cohabitan en el meo periodístico, pero no de forma pacífica. Esto sucede, esencialmente, debido al desacuerdo entre los profesionales de ambas las áreas cuanto a las ventajas de la presencia de un traductor en la redacción.

Sommario

Giornalismo e traduzione: quando la notizia è il prodotto di due mondi è una dissertazione che intende capire in che modo la traduzione e i giornalisti si associano nel mezzo dei media. La globalizzazione ha forzato l'emissione veloce e efficiente delle notizie internazionali e, per eseguire tali requisiti, il giornalismo non ha avuto altra scelta che unirsi alla traduzione. È questo punto che mettiamo a fuoco, cercando di scoprire come succede questo nelle redazioni portoghesi e le differenze del processo di produzione relativamente ad una notizia nazionale. Tutto questo è stato fatto attraverso interviste a giornalisti professionali e a qualche traduttore che hanno tradotto per qualche giornale o rivista.

Secondo l'investigazione qui sviluppata, la traduzione è una parte dell'abitudine del giornalista, sia come una fase del processo di produzione della notizia internazionale o come uno strumento. In generale, tiene l'incarico di aiutare la comprensione delle informazioni trasmesse nelle notizie in lingua straniera. Il giornalismo e la traduzione coabitano nel mezzo giornalistico, però non in modo pacifico. Questo succede, soprattutto, a causa della divergenza tra i professionisti di queste due aree per quanto riguardano i vantaggi della presenza di un traduttore nella redazione.

~~

Introdução [17]

1. O jornalismo e a notícia: a produção noticiosa [119]

- 1.1. O processo de produção noticiosa [19]
- 1.2. Os fatores condicionantes da produção noticiosa [21]
- 1.3. Os valores-notícia [23]
- 1.4. Em síntese [26]

2. O jornalista e a tradução: uma aliança necessária e um outro tipo de mediação [29]

- 2.1. A globalização e o jornalismo [29]
- 2.2. O interface tradução-jornalismo e o jornalista-tradutor [31]
- 2.3. Fatores influenciadores do ato tradutório no contexto jornalístico [32]
 - 2.3.1. Christiane Nord e o ato-comunicativo-em-situação [32]
 - 2.3.2. Frank Esser e o conceito de identidade intercultural [33]
- 2.4. Em síntese [35]

3. O jornalismo e a notícia: ontem e hoje [37]

- 3.1. O ontem e o hoje [37]
- 3.2. A evolução tecnológica e a Internet [39]
- 3.3. A evolução do papel do jornalista [40]
- 3.4. A evolução do papel das fontes [42]
- 3.5. A tradução e a notícia [44]
- 3.6. Em síntese [46]

4. Metodologia [49]

- 4.1. O modelo de análise – apresentação e discussão [49]
- 4.2. O instrumento de recolha – construção da entrevista [50]
- 4.3. A amostra – processo de seleção [51]
- 4.4. A análise [53]

5. Apresentação e discussão dos resultados [55]

- 5.1. Até que ponto o jornalismo e a tradução se relacionam no processo de produção da notícia? [55]
 - 5.1.1. Os jornalistas [55]

- 5.1.2. Os tradutores [56]
- 5.2. Quais os critérios de seleção de uma notícia em língua estrangeira, para que ela seja traduzida e noticiada em português? [57]
 - 5.2.1. Os jornalistas [57]
 - 5.2.2. Os tradutores [58]
- 5.3. Como é tratado um press release ou uma notícia escritos numa língua estrangeira numa redação nacional? Os factos são investigados? [58]
 - 5.3.1. Os jornalistas [58]
 - 5.3.2. Os tradutores [59]
- 5.4. Qual o papel do jornalista no processo de produção de uma notícia que chega em língua estrangeira? [60]
 - 5.4.1. Os jornalistas [60]
 - 5.4.2. Os tradutores [61]
- 5.5. Qual o papel da tradução/tradutor no meio jornalístico? [62]
 - 5.5.1. Os jornalistas [62]
 - 5.5.2. Os tradutores [63]
- 5.6. Como é visto o tradutor pelos jornalistas? [64]
 - 5.6.1. Os jornalistas [64]
 - 5.6.2. Os tradutores [64]
- 5.7. Em síntese, o jornalismo e a tradução coabitam no meio jornalístico? [65]
- 6. Considerações finais [67]**
- 7. Bibliografia [71]**
- 8. Anexos [75]**
 - Anexo 1: Guião para as entrevistas [77]
 - Anexo 2: Transcrição das entrevistas – jornalistas [79]
 - Alison Roberts – Lusa News [79]
 - Cristina Peres – Expresso [82]
 - Francisco Gonçalves – Correio da Manhã [84]
 - Hélder Martins – Expresso [86]
 - Ricardo Ramos – Correio da Manhã [88]
 - Riza Siza – Público [90]
 - Samuel Sloop – Lusa News [93]

Anexo 3: Transcrição das entrevistas – tradutores [95]

- Fernando Ferreira Alves – Professor de tradução e tradutor profissional [95]
- Mariana Passos e Sousa – Courier Internacional [98]

Índice de tabelas e figuras

Tabela 1: Modelo de análise [50]

Figura 1: Modelo Pluriestratificado Integrado ou “Metáfora da Cebola” (Esser, 1998) [34]

Introdução

Este trabalho teve como objetivo central compreender a forma como o jornalismo e a tradução se relacionam no processo de produção de uma notícia. Ao mesmo tempo, procura-se entender qual o papel do jornalista, quais os critérios que o levam a escolher determinada notícia estrangeira para ser traduzida e noticiada em português e como é visto um tradutor num meio que, à primeira vista, não é o dele. O principal propósito foi mostrar a importância da tradução nos dias de hoje, neste caso concreto no meio jornalístico e perceber de que forma é aplicada no dia a dia de uma redação. Esta escolha deve-se à minha anterior área de formação, as línguas e a tradução, já que sou licenciada em Línguas Aplicadas pela Universidade do Minho. Esta dissertação pretende dar o seu contributo sobre o tema, explorando um assunto pouco discutido e com algumas questões mais ou menos sensíveis. A ideia de ter um jornalista sem formação académica e profissional de tradução ou o contrário, um tradutor sem formação académica e profissional de jornalismo, a executar uma tarefa que deveria ser executada por duas pessoas de diferentes áreas de trabalho, é apenas um desses aspetos sensíveis.

Sendo assim, pretendeu-se responder às seguintes questões de investigação:

1. Até que ponto o jornalismo e a tradução se relacionam no processo de produção da notícia?
2. Quais os critérios de seleção de uma notícia em língua estrangeira, para que ela seja traduzida e noticiada em português?
3. Como é tratado um *press release* ou uma notícia escritos numa língua estrangeira numa redação nacional? Os factos são investigados?
4. Qual o papel do jornalista no processo de produção de uma notícia que chega em língua estrangeira?
5. Qual o papel da tradução/tradutor no meio jornalístico?
6. Como é visto o tradutor pelos jornalistas?

A primeira questão acaba por englobar as restantes. Percebendo de que forma a tradução e o jornalismo se relacionam é possível perceber qual o papel do jornalista ou do tradutor no processo de produção, como é feita a seleção das notícias “merecedoras” de serem traduzidas e

noticiadas em português e, antes disso, qual o procedimento. Essencialmente, a minha meta é conseguir diferenciar o processo de produção de uma notícia nacional do processo de produção uma notícia internacional em língua estrangeira, perceber quais os condicionalismos que esse fator traz ao jornalista que recebe a notícia e quais as condições disponibilizadas na redação, compreendendo a rotina de um jornalista que tem de ser tradutor e a importância da tradução, mais, de uma boa tradução.

O trabalho está dividido em duas partes essenciais. A primeira parte, o enquadramento teórico, é composta por três capítulos. Em “O jornalismo e a notícia: a produção noticiosa” quis-se compreender o processo de produção de uma notícia, quais os seus fatores condicionantes e quais os critérios de seleção dos acontecimentos para serem noticiados. Assim seria possível perceber como é produzida uma notícia traduzida, qual o papel da tradução e como são escolhidas as notícias ou factos internacionais para serem noticiadas em português. No capítulo seguinte, “O jornalismo e a tradução: uma aliança necessária e um outro tipo de mediação”, fala-se da existência de uma aliança entre o jornalismo e a tradução para responder às novas solicitações do público e introduz-se o conceito de interface tradução-jornalismo e de jornalista-tradutor. Cabe a este capítulo defender a interação entre as duas áreas e entender os efeitos sobre as rotinas dos jornalistas. No capítulo final da primeira parte, intitulado de “O jornalismo e a notícia: ontem e hoje”, pretende-se percorrer as evoluções na área do jornalismo até à integração da tradução no meio jornalístico, decifrando se essa integração da tradução constitui uma ameaça ou uma mais-valia. Na segunda parte, a apresentação e discussão dos resultados, é feita uma análise das entrevistas organizada por questões de investigação, em que é discutida a opinião dos jornalistas e dos tradutores face à pergunta colocada e, em síntese, procura-se responder à interrogação fundamental do trabalho: o jornalismo e a tradução coabitam no meio jornalístico?

Nas considerações finais são apresentadas as preocupações decorrentes da análise feita aos resultados das entrevistas, são apontados os principais problemas e limitações encontrados durante a realização do trabalho e quais as suas implicações e são sugeridas algumas perspetivas futuras sobre o tema.

1. O jornalismo e a notícia: a produção noticiosa

“A notícia coordena as atividades no interior de uma sociedade complexa ao tornar acessível a todos a informação que de outra maneira seria inacessível.”

(Tuchman, 1983: 16)

A preocupação em saber de onde vêm as notícias, onde são produzidas, como são escolhidas, quem são os responsáveis que as produzem e como trabalham, bem como perceber o processo de produção de uma notícia e até que ponto o jornalista, ou o responsável pela gênese da notícia, investiga o que lhe cai em cima da secretária. Qual é o papel da tradução? Em que fase do processo noticioso é que “entra em ação”? Como são escolhidas as notícias internacionais em língua estrangeira que merecem ser traduzidas e noticiadas? Para responder as estas questões, existe a necessidade de compreender o processo de produção de uma notícia e quais os fatores que o condicionam. A este capítulo cabe ainda a tarefa de clarificar como é feita a seleção dos acontecimentos dignos de serem noticiados, ou seja, quais os valores-notícia implicados na escolha de um acontecimento em prol de outro.

1.1. O processo de produção noticiosa

A notícia como resultado final do trabalho dos jornalistas e das fontes de informação, trabalho esse que reúne investigação e escrita, representa o que na maior parte das vezes se realiza entre quatro paredes, a que poucos têm acesso até estar terminado. Por esse motivo, a imagem do jornalista nem sempre é bem retratada. Fernando Correia chama-lhe contraditória. Chama-lhe assim, pois é uma imagem que é produto do retrato pintado na televisão, na literatura e no cinema, um retrato de “repórter misto de aventureiro e detetive” (Correia, 1997: 13).

As notícias não são o resultado de um simples processo, nem de um esquema linear (Correia, 1997: 18). A produção de informação implica uma recolha, uma seleção, uma elaboração e uma edição, por parte do jornalista responsável pela notícia. Todas estas fases são influenciadas por determinadas condições e constrangimentos, entre eles a estrutura e prática social ou as

tecnologias disponíveis. Desta forma, o que acontece nem sempre corresponde ao que é noticiado. As notícias não refletem a realidade, constroem uma de muitas realidades e afetam a forma como as pessoas reagem, estabelecendo uma distinção entre o que é verdadeiro e importante do que não é (Schudson, 2003).

Para McNair, é importante perceber esta diferença entre jornalismo e *não jornalismo*, devido ao significado sociológico da comunicação jornalística (McNair, 1998: 4). Estabelecer uma linha que dissocie a informação da educação e do entretenimento permite diferenciar o que é jornalismo e o que não é. O autor admite a possibilidade de o jornalista adquirir o papel de sociólogo, de artista ou até de cientista, mas apela para as diferenças, perfeitamente identificáveis, presentes no produto final do trabalho jornalístico, a notícia. São elas a verdade, muitas vezes implicada na objetividade presente nos textos jornalísticos, a novidade, a importância da autoria, do contexto e de determinados valores e pontos de vista, a autenticação de uma fonte não jornalística e a atualidade do tema. A qualidade desse produto final depende da forma como a informação é interpretada e dos seus efeitos (McNair, 1998: 39).

Podemos, então, assumir que a notícia é o fim de um longo caminho que pretende redefinir a realidade atual, enquanto a interpreta. Para Magalhães, para além dos já conhecidos três poderes (legislativo, executivo e judiciário), existia outro, o poder de informar, atribuído à imprensa e visto como um dever da mesma. Mas a afirmação do autor - “ao jornal se atribui a responsabilidade de informar e educar adequadamente a opinião pública” (Magalhães, 1979: 11), já não se adequa ao presente. O jornalismo era, então, retratado como um instrumento de informação trabalhada pelos jornalistas, como um bem essencial e não uma mercadoria (Magalhães: 1979). Agora os jornalistas têm uma missão: regular o que o seu público fica a saber sobre o mundo que habita (Schudson, 2003). A obrigatoriedade da existência das fontes noticiosas para acreditação da informação e da existência de valores-notícia para a seleção dos acontecimentos noticiados são duas provas de como a realidade, hoje em dia, não é refletida, mas sim distorcida. Outros fatores que fundamentam o que em cima foi dito são a orientação dos temas para os interesses do público e a ideia de os *media* serem uma “alternativa e escape à realidade (McQuail, 2003: 328).

“ (...) Todo jornalista, do repórter ao editor, seleciona e dá pesos diferentes aos elementos de informação que passam por suas mãos. Isso é inevitável (...) e representa um exercício de considerável poder: o de decidir como determinado aspeto da realidade será apresentado à

opinião pública. A primeira questão ética que se põe para o jornalista é aprender a não abusar desse poder (...)" (Bucci, cit. em Polchpeck, 2005: 43).

McQuail defende a necessidade de estabelecer se o público/audiência deve ser visto como um grupo de indivíduos isolados, uma massa, ou como um grupo social, com consciência própria, interação interna e sistemas de controlo normativo.

"Por definição, a audiência como massa é passiva porque é incapaz de ação coletiva, enquanto qualquer verdadeiro grupo social tem os meios e pode ter uma inclinação para ser ativo no sentido de escolher a finalidade partilhada e participar nesse objetivo" (McQuail, 2003: 373).

A primeira visão admite o público como um mercado de consumo ou como uma mera mercadoria, onde o importante são os números e o poder de compra. A segunda visão considera o público parte integrante e decisiva do ato comunicativo.

"Alternativamente, a audiência pode ser estudada em termos relacionais e normativos com uma finalidade genuinamente comunicativa. O que interessa, então, é a sua composição, o seu envolvimento como os comunicadores e com o conteúdo, a qualidade da atenção e da resposta, a sua lealdade, interesse e continuidade" (*Ibidem*).

Importa ao jornalista não só que o acontecimento seja importante, mas também noticiável. Para tal, tem de ter em conta o público para o qual escreve e seguir a linha editorial que impera na redação (Seabra, S/D). O jornalista tem o dever de não só comunicar os factos, mas, principalmente, interpretá-los e torná-los perceptíveis para o seu público. Em alguns casos, a intervenção de especialistas, como "accredited witnesses" - testemunhas credenciadas (McNair, 1998: 8) -, facilita a construção do trabalho jornalístico e atribui-lhe credibilidade e autoridade.

1.2. Os fatores condicionantes da produção noticiosa

A produção de informação processa-se em função dos constrangimentos e condições que influenciam o modelo, o conteúdo e a forma das notícias.

" (...) a competência de todo o jornalista manifesta-se e constrói-se no seio das limitações impostas por uma estrutura de interdependências com a hierarquia, os colegas, as fontes, e que nenhum devaneio sobre a liberdade do sujeito pode dissipar num passe de mágica" (Neveu, 2005: 55)

Estes fatores condicionam, diretamente ou indiretamente, uns mais do que outros, o processo de génese e podem ser agrupados da seguinte forma (Correia, 1997: 18):

- Referentes à redação: o estatuto, a política e a ideologia editoriais; os valores-notícia; o público-alvo; a relação com as fontes e com os sindicatos; as condições de trabalho; o número e a qualidade dos jornalistas; as normas; as rotinas; a gestão do fator tempo; a constituição da redação e a hierarquia interna.
- Referentes à empresa: objetivos estratégicos; posicionamento entre a concorrência, lugar ocupado e lugar pretendido; relação com os poderes político e económico; capacidades financeiras e organização da gestão e do trabalho.
- Referentes ao grupo profissional: a cultura e a ideologia; o cumprimento do código deontológico; a história e a tradição; o mercado de trabalho; as características sociológicas e a inclusão e adaptação às novas tecnologias.
- Referentes ao sistema social: lugar atribuído aos *media* na sociedade; estruturação das classes sociais; natureza do poder económico e político; grau de institucionalização da democracia; níveis de escolaridade; de cultura e de vida; hábitos de leitura e consumo de bens culturais.
- Referentes ao sistema mediático: relacionamento com os outros sistemas; a legislação em vigor e as leis do mercado, da concorrência, da lógica do lucro e da propaganda.

Brian McNair agrupou estes fatores, de forma mais simples, em cinco categorias. Os relativos à ética profissional, que guiam o trabalho jornalístico de forma a responder às condições do mercado, à inovações tecnológicas e às mudanças presentes na redação. Os relativos ao sistema político, que o influenciam no tratamento da informação governamental e limitam, mais ou menos, a liberdade de expressão. Os relativos à economia e ao poder económico do órgão de comunicação para o qual o jornalista trabalha – quanto maior o poder e o controlo, melhores condições de trabalho, maior o número de profissionais contractados e maior capacidade de competição no mercado, factor que condiciona o conteúdo, forma e estilo do jornalismo praticado. Os relativos à tecnologia disponível para a recolha, produção e distribuição das notícias e os relativos aos atores sociais (grupos sociais, políticos, celebridades, organizações públicas, entre outras.) que moldam o discurso jornalístico (McNair, 1998: 13).

1.3. Os valores-notícia

Nem tudo o que acontece merece atenção dos *media*. Falamos da definição de noticiabilidade, ou dos valores-notícia, que, segundo Golding e Elliot, são “qualidades dos acontecimentos, ou da sua construção jornalística, cuja presença ou cuja ausência os recomenda para serem incluídos num produto informativo” (Golding-Elliot, cit. em Wolf, 1977: 174). Isto é, “quanto mais um acontecimento exiba essas qualidades, maiores são as suas possibilidades de ser incluído” (Wolf, 1987: 174). Estes critérios aplicam-se em todas as fases da atividade jornalística (recolha, seleção, elaboração e apresentação), pois avaliam a noticiabilidade do acontecimento. Prolongam-se ainda ao próprio público, que avalia a informação e acaba por exigir a aplicação desses mesmos critérios por parte dos *media* (Correia, 1997: 137). Aquando da avaliação da noticiabilidade de um acontecimento há que o ter em conta esse acontecimento isoladamente e integrado no noticiário, isto é, é necessário existir um equilíbrio interno, que por si só representa um valor-notícia, para que o produto informativo seja encarado como um todo.

Os valores-notícia atuam de forma complementar ou em conjunto. Para Mário Wolf são pressupostos implícitos ou considerações relativas ao conteúdo da notícia, ao produto informativo, ao meio de comunicação, ao público e à concorrência (Wolf, 1987: 177). Aplicados da melhor forma, têm como finalidade simplificar a atividade jornalística e torná-la mais produtiva, bem como delimitar a autonomia dos jornalistas.

“O problema reside na sua valorização relativa, na oportunidade e no contexto da sua aplicação, nas estratégias que presidem à sua gestão, no seu enquadramento e operacionalidade dentro do sistema mediático” (Correia, 1997: 139).

Os valores-notícia relativos ao conteúdo da informação podem agrupar-se em duas categorias: a importância, ou significado, e o interesse. A primeira, tem a ver com a avaliação do jornalista e com as características e os condicionalismos do *media* do qual faz parte. A segunda tem em conta a perceção do público, pois tem como objetivo suscitar a sua curiosidade e prender a sua atenção. A situação ideal para o jornalista é que um acontecimento seja, ao mesmo tempo, importante e interessante. A situação real leva a que o jornalista tenha de escolher entre um e outro. Essa escolha define a prática jornalística e o projeto desse órgão de comunicação.

Quanto à importância, e para ajudar na sua definição, o jornalista recorre a quatro fatores de noticiabilidade. Um deles é a posição hierárquica dos indivíduos em causa: “um acontecimento

relativo a uma personalidade tem prioridade noticiosa relativamente a um outro acontecimento, mesmo de maior relevância, ocorrido com alguém desconhecido da opinião pública” (Correia, 1997: 140). O segundo tem a ver com a influência sobre o interesse nacional, aspeto dependente da maneira como cada órgão de comunicação encara esse interesse (observável na escolha dos temas abordados e na forma como é feita essa abordagem). O interesse nacional influencia ainda a definição dos conteúdos informativos e deve ser articulado com a lei da proximidade. A lei da proximidade pode ser aplicada em diferentes sentidos:

- a. Proximidade geográfica: são tratados os assuntos mais próximos da sede do órgão de informação. Esta variável dificulta, em especial, o trabalho dos jornalistas que lidam com o jornalismo internacional, que envolve outro tipo de mecanismos de recolha e produção;
- b. Proximidade psicológica: são tratados os assuntos mais próximos por razões históricas, políticas, culturais ou outras;
- c. Proximidade temporal; sociocultural; socioprofissional; político-ideológica; psico-afectiva e vida quotidiana.

Outro fator relativo à importância de um acontecimento é o número de indivíduos envolvidos no acontecimento, diretamente relacionado com a lei da proximidade e o interesse nacional:

“Os jornalistas atribuem importância às notícias que dizem respeito a muitas pessoas e quanto mais elevado for o número de indivíduos envolvidos num desastre ou quanto mais elevada for a presença de ‘grandes nomes’ numa ocasião formal, maior é a ‘visibilidade’ desses acontecimentos e, por conseguinte, maior é o seu valor-notícia” (Golding-Elliott, cit. em Wolf, 1987: 180).

Por último, Wolf fala da “relevância e significatividade do acontecimento quanto à evolução futura de uma determinada situação” (*ibid.*: 181).

Quanto ao interesse, a escolha varia entre ter em conta o interesse público e o interesse privado. Os acontecimentos interessantes ou que chamam a atenção do público podem ser agrupados, segundo Gans, em cinco categorias (Gans, 2004: 156):

1. Histórias de gente comum que é encontrada em situações insólitas;
2. Histórias que homens públicos surpreendidos na sua vida privada;
3. Histórias em que se verifica a inversão de papéis;

4. Histórias de interesse humano;
5. Histórias de feitos extraordinários ou heroicos.

Para todas elas, aplica-se a já anteriormente referida lei da proximidade. Esta visão mercantilista da informação leva não só a que ela seja vista como entretenimento, mas a que a ética seja subvalorizada em prol das audiências. É possível também verificar a tendência para noticiar acontecimentos negativos, pela sua facilidade e rapidez quando comparados com acontecimentos positivos e pelo maior impacto que têm na vida do público. Os primeiros vão ao encontro dos valores-notícia do diferente, do sensacional e do chocante, “critérios capazes de garantir uma melhor satisfação do público e de aumentar as audiências” (Correia, 1997: 147).

Então, se o jornalista se vir forçado a escolher entre um acontecimento interessante e um acontecimento importante, qual é a sua escolha e com base em que critérios é que a faz? A pressão do mercado atual e da concorrência e a luta pela conquista de audiências podem levar a que a escolha recaia na maior parte das vezes pelo que é interessante.

“ (...) Os responsáveis pelos noticiários e, por extensão, os jornalistas, sentem-se, com demasiada frequência, na obrigação de, a qualquer preço, encontrar temas e abordagens capazes de atrair e prender o interesse do público, ou que eles julgam ser esse interesse” (Correia, 1997: 146).

Outra das hipóteses é transformar o que é importante em algo interessante, por meio da “subalternização e achincalhamento dos acontecimentos” (*ibid.*: 146) ou das pessoas envolvidas e da alteração do objetivo e o foco da mensagem.

1.4. Em síntese

Um acontecimento passa por várias etapas até se tornar numa notícia. Para além de ter de possuir determinadas características para ser noticiável, tem de “sobreviver” a todos os condicionantes e constrangimentos presentes no dia a dia de um jornal. As necessidades e as expectativas do público tem de ser tidas em conta, pois, mais do que nunca, uma notícia é vista como um produto que tem de ser vendido e cabe ao jornalista e ao jornal garantirem que isso acontece. Este facto justifica muitas das decisões tomadas pelos órgãos de comunicação, que, muitas vezes, optam por dar tempo de antena ao que é considerado interessante e não ao que é reconhecido como importante. O mesmo acontece com um acontecimento/notícia internacional, que tem de possuir os atributos ideais para ser seleccionada, traduzida, se for o caso, e noticiada em português.

Neste Capítulo

1° A produção de informação implica uma recolha, uma seleção, uma elaboração e uma edição por parte do jornalista responsável pela notícia;

2° As notícias não refletem a realidade, constroem uma de muitas realidades e afetam a forma como as pessoas reagem;

3° Importa ao jornalista não só que o acontecimento seja importante, mas também noticiável;

4° A produção de informação processa-se em função dos constrangimentos e condições que influenciam o modelo, o conteúdo e a forma das notícias;

5° Os valores-notícia aplicam-se em todas as fases da atividade jornalística (recolha, seleção, elaboração e apresentação), pois permitem avaliar a noticiabilidade do acontecimento;

6° Os valores-notícia têm como finalidade simplificar a atividade jornalística e torná-la mais produtiva, bem como delimitar a autonomia dos jornalistas e dividem-se em duas categorias: a importância e o interesse;

7° A pressão do mercado atual e da concorrência e a luta pela conquista de audiências levam a que a escolha recaia na maior parte das vezes pelo que é interessante.

2. O jornalismo e a tradução: uma aliança necessária e um outro tipo de mediação

“Pensar jornalismo e tradução sob perspectivas diferentes, mas que se complementam e enriquecem entre si.”

(Zipser & Polchlopek, 2009: 208)

Com as muitas evoluções nos meios de comunicação e transmissão de notícias, o jornalismo teve de se associar à tradução para responder às novas necessidades do seu público. Este segundo capítulo fala da globalização, um dos motivos que levaram a essa associação e introduz o conceito de interface tradução-jornalismo e de jornalista-tradutor, suportados pelas teorias de Christiane Nord, tradutora de profissão, e Frank Esser, jornalista alemão.

2.1. A globalização e o jornalismo

Com a globalização, consequência da modernidade e das transformações ocorridas nas relações sociais, houve a necessidade de emitir, o mais rápido e eficientemente possível, notícias de todo o mundo para todo o mundo. Para Sousa “hoje, desde que disponha de recursos financeiros e de conhecimentos, qualquer indivíduo atua no palco da informação internacional”. Refere-se, essencialmente, à Internet. Esta permite “produzir e distribuir conteúdos para qualquer lugar do mundo” (Sousa, 2003: 5). Falando deste tipo de informação que é a informação internacional, remetemo-nos para o conceito de globalização e para a ideia de uma nova sociedade, a “sociedade da informação”. Para entender o que torna a atual sociedade diferente da anterior, Sousa faz referência aos cinco critérios de identificação de Frank Webster – “o critério tecnológico, o critério económico, o critério ocupacional, o critério espacial e o critério cultural” (Webster, cit. em Sousa, 2003: 7). Uma sociedade inteiramente definida pela inovação tecnológica e com a informação a ocupar um lugar central e a adquirir outro peso e medida nas economias nacionais.

Soares fala sobre a sua experiência profissional e as dificuldades encontradas (Soares, 2012: 12), nos três âmbitos geográficos possíveis, regionais, nacionais e internacionais. Aqui o que importa analisar é o âmbito internacional e um dos problemas mais apontados é a dependência em relação às agências noticiosas e o recurso aos gabinetes de imprensa.

“A falta de meios físicos e humanos, a dependência dos assessores de imprensa, as pressões exercidas pelas fontes de informação, a obrigatoriedade de encher páginas de jornais sem que haja notícias que o justifiquem, a febre dos diretos e o recurso excessivo às agências noticiosas foram alguns dos problemas que encontrei até agora na minha carreira jornalística” (Soares, 2012: 49).

“O custo dos correspondentes no estrangeiro é infinitamente mais elevado do que a assinatura numa agência (...); para os órgãos de informação menos poderosos, as despesas com os correspondentes estrangeiros ultrapassam as suas possibilidades económicas. Para eles, os serviços regionais das agências (...) são a única fonte possível de notícias vindas do estrangeiro” (Golding-Elliott cit. em Wolf, 1987: 206).

De vez em quando assistimos a uma reportagem em que o repórter é um correspondente ou um enviado especial no estrangeiro, no entanto “os temas e os países são os mesmos. São sempre os mesmos que têm voz, são sempre os mesmos que dão notícia” (Soares, 2012: 51). Fala então do termo “jornalismo de secretária”: “Cada vez menos, os jornalistas vão à procura de informação”, mas tal não é uma opção, mas sim “uma condição que lhes é imposta pelos *media* para os quais trabalham” (*ibid.*: 19). A realidade é mesmo essa: a informação que muitas vezes passa na televisão, é lida nos jornais ou ouvida na rádio não é confirmada pelos jornalistas. É quase tudo “reciclado de outras fontes” (Lewis *et al.* cit. em Soares, 2012: 21). Isto condena a diversidade noticiosa e a liberdade de expressão, dando origem a um conteúdo homogêneo e dependente do ponto de vista ideológico da agência noticiosa em questão. O que é confirmado, é confirmado na Internet, onde também são, muitas vezes, recolhidas informações.

A tarefa rotineira de um jornalista condicionado pelas imposições e limitações da empresa que o contrata é reescrever e compilar informação de agências, da Internet e dos *press releases* e a maior parte das informações são confirmadas através do telefone. O jornalismo nos meios internacionais “está a ficar reduzido a um mero trabalho de reprodução das notícias dos outros” (Soares, 2012: 47). Mas onde entra a tradução no meio de isto tudo?

2.2. O interface tradução-jornalismo e o jornalista-tradutor

Os *media* são instituições que vivem de notícias que podem ou não estar relacionadas com o país no qual estão inseridas. A existência de filtros culturais, aquando da seleção e tratamento dado a um acontecimento e no processo de constituição de sentido nos textos, é, então, ainda mais evidente quando se trata de notícias fora desse universo, notícias traduzidas para outros ambientes culturais. Nestes casos, é feita uma leitura de entre as muitas leituras que poderiam ser feitas (Zipser & Polchlopek, 2009: 197).

É neste ponto que o jornalismo e a tradução se encontram, na sua função, a de informar o leitor, e devido ao facto de estarem sob influências sociais, políticas, económicas e culturais durante ambos os processos, o tradutório e o jornalístico. A essência destas atividades profissionais é a de perceção dos condicionantes culturais e das suas marcas. Apenas serão bem-sucedidos se adequarem as expectativas do leitor, pois é ele que completa o ato comunicativo e que lhe atribui uma função.

“Dessa forma, o produto final da reportagem estabelece um vínculo com os factos, que será o resultado do gerenciamento de múltiplas variáveis, ditadas pelas esferas políticas, sociais, económicas, pela condicionante da história, pela extensão da liberdade de imprensa, pelo teor da formação de seus agentes e, não menos importante, pelo perfil do público ao qual se destina” (Zipser, cit. em Zipser & Polchlopek, 2009: 201).

O mesmo facto pode ser noticiado de diferentes maneiras, dependendo do ambiente cultural para o qual se destina. É feita uma tradução que vai para além do ambiente do texto, tendo em conta o acontecimento em si. “Passamos a conceber a tradução em ambiente jornalístico como uma *tradução peculiar*: vamos além do ambiente do texto e chegamos no facto, no acontecimento” (Zipser & Polchlopek, 2009: 201). Às diferentes abordagens/leituras que um acontecimento pode receber ao ser movido de uma língua/cultura para outra, chamamos de *deslocamento do enfoque (ibidem)*.

O jornalista assume a função de “tradutor” do facto, chega-lhe “conhecer o idioma e o estilo do veículo para o qual escreve (...) ou ter traduzido anteriormente sem alterar ou distorcer a informação factual” (*ibid.*: 196). Zipser estabelece um conceito, relacionando a tradução e o jornalismo, definindo a “tradução como representação cultural” em que é o jornalista que fica, na maior parte dos casos e sem preparação profissional para exercer tal atividade, com o papel

de tradutor (Zipser, cit. em Polchlopek, 2005: 40). Desta forma, o tradutor e o jornalista, ou por vezes o jornalista-tradutor, são vistos como intermediadores culturais que selecionam os seus instrumentos de acordo com os fatores culturais determinantes.

O jornalista-tradutor deve conhecer os parâmetros culturais envolvidos no relato noticioso, de modo a fazer com que o texto final funcione culturalmente para o seu público-leitor. Tal é possível, porque o jornalista partilha a cultura do seu destinatário. Podemos então dizer que se trata de um relato não só em línguas diferentes, mas também sob perspetivas diferentes, pois o jornalista-tradutor desenvolve uma estratégia de produção textual que se adequa ao seu público-leitor (Zipser & Polchlopek, 2009: 209). Chamada de *representação cultural*, “ trata-se dos mesmos factos noticiosos apresentados ao leitor por meio de perspetivas adequadas à sua cultura, segundo os fatores de influência sistematizados por Nord e Esser” (*ibid.*: 207).

2.3. Os fatores influenciadores do ato tradutório no contexto jornalístico

2.3.1. Christiane Nord e o “ato-comunicativo-em-situação”

Christiane Nord, tradutora profissional, considera que um ato tradutório, visto como um processo de comunicação intercultural, é composto por três figuras-chave: o emissor, o tradutor, no papel de mediador, e o recetor/destinatário; e por três pontos principais:

“i) todo o texto (traduzido ou não) é inserido em uma situação comunicativa, isto é, são gerados a partir de uma situação concreta (neste caso noticioso); ii) toda produção textual, com algumas raras exceções, é essencialmente prospetiva, ou seja, voltada a um recetor que traz consigo experiências intertextuais, experiências de outras leituras e, iii) todo o texto traz uma intencionalidade, uma função (*skopos*), realizada somente quando da sua receção pelo destinatário além de ser uma condição determinante da produção textual” (*ibid.*: 202).

Nord (Nord cit. Zipser & Polchlopek, 2009: 203) utiliza o termo “ato-comunicativo-em-situação” para descrever o processo tradutório, isto significa que os textos traduzidos apresentam uma dimensão histórica e cultural, condicionados pelo saber, pelas expectativas, pelas estimativas e pelo ponto de vista dos envolvidos no ato comunicativo. Isto porque, a tradução “não ocorre somente ao nível do código, mas, primordialmente, ao nível da cultura na qual este leitor está inserido”(Zipser & Polchlopek, 2009: 203). O leitor traça o caminho que o tradutor ou o

jornalista irá fazer, definindo o *skopos* da tradução, as suas estratégias, escolhas e decisões. O objetivo é que os textos funcionem culturalmente para o público-alvo.

Nord sugere alguns critérios, internos e externos, que influenciam a produção textual, e, posteriormente, influenciariam a tradução. Adaptados por Zipser e Polchlopek ao contexto jornalístico, “tais critérios partem da análise de um TF (texto-fonte) a fim de que o tradutor possa antecipar pontos em que terá de retrabalhar o texto com base na cultura-alvo, tornando o texto mais funcional ao destinatário” (Zipser & Polchlopek, 2009: 203). Albergam dois tipos de fatores: extratextuais, relativos à situação comunicativa, isto é, ao emissor, à intenção, ao destinatário, ao lugar, ao meio, ao tempo, ao propósito e à função; e intratextuais, relativos aos constituintes internos da mensagem, ou seja, ao tema, ao conteúdo, às pressuposições, à estruturação, aos elementos não-verbais, ao léxico, à sintaxe, aos elementos suprasegmentais e ao efeito do texto. Estes fatores relacionam-se e condicionam-se, qualquer alteração num deles influencia o outro.

2.3.2. Frank Esser e o conceito de identidade intercultural

Frank Esser (Esser cit. Zipser & Polchlopek, 2009: 204), jornalista alemão, considera que o jornalismo é um “sistema parcialmente atuante” porque representa uma influência para a sociedade da qual faz parte, ao mesmo tempo que é influenciado por ela. Admite que o jornalismo é marcado pelas condições sociais, por fundamentos históricos e jurídicos, limitações económicas, bem como por padrões éticos e profissionais dos seus agentes (Zipser & Polchlopek, 2009: 204). Ao que ele se refere é à identidade nacional e cultural característica de cada país, o “conceito de interculturalidade”, saliente na forma como a informação é noticiada e na maneira como a opinião do público é concebida. É neste ponto que Nord e Esser se encontram, quando falam de determinados fatores, relativos à cultura, que influenciam, por um lado, os textos traduzidos - Nord enumera fatores a ter em conta numa tradução, que influenciam a abordagem e a produção textual e a forma como o leitor interpreta os textos - e, por outro, os textos jornalísticos (Zipser & Polchlopek, 2009: 205).

Esser elaborou um modelo de estudo do jornalismo internacional, o Modelo Pluriestratificado Integrado ou “Metáfora da Cebola” (figura 1), onde sistematiza os condicionantes políticos, morais e sociais próprios de cada cultura, que enquadram e interagem na prática jornalística.

“Segundo o modelo, aspetos sociais, políticos, normativos e subjetivos emolduram e interagem de forma dinâmica no espaço da prática jornalística sempre permeados pela ética, sendo específicos a cada contexto cultural. Tal perspetiva questiona a visão consensual do compromisso jornalístico com a neutralidade, a transcodificação isenta que desconsidera o dinamismo da linguagem e os fatores que influenciam o processo de formação de sentido dos textos” (Zipser & Polchlopek, 2009: 205).

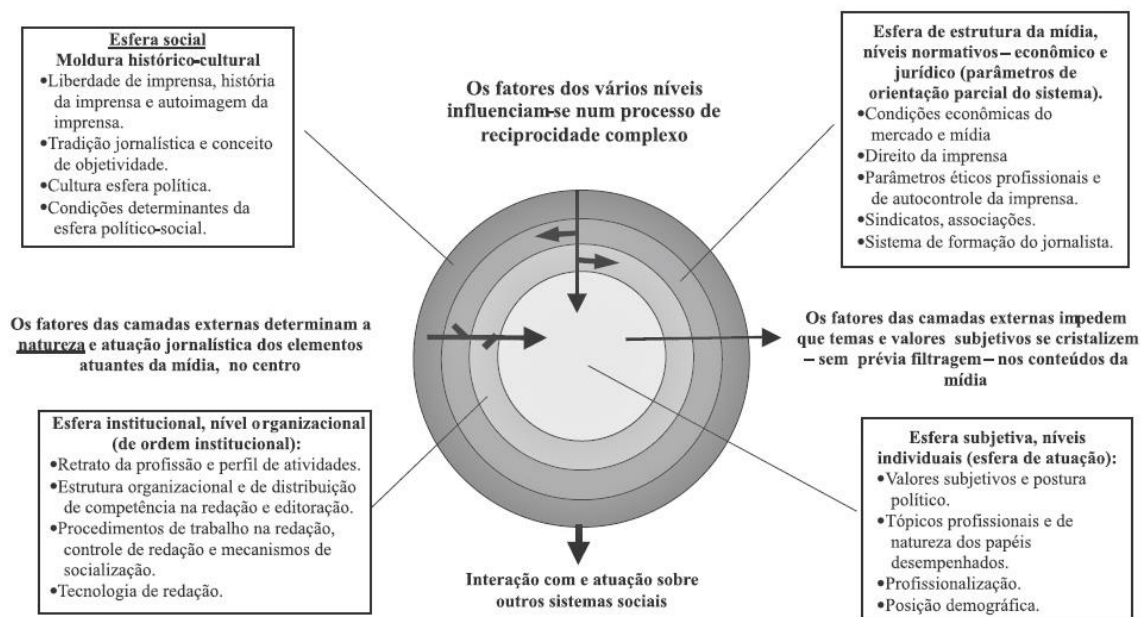


Fig. 1 Modelo Pluriestratificado Integrado ou “Metáfora da Cebola” (Esser, 1998)

O que Esser fez foi tornar perceptível o papel do jornalismo em meio internacional e compreender o porquê de serem dados diferentes enfoques aos acontecimentos quando são noticiados em diferentes ambientes culturais, assemelhando-se, assim, aos estudos de tradução de Christiane Nord. Ambos associaram a produção de sentido à noção de cultura, isto é, o jornalista ou o tradutor tendem a ter em conta a sua própria experiência, perspectiva e cultura, bem como os seus valores, para analisarem os factos e entenderem melhor quem estará do outro lado, o seu público/destinatário. Existe assim uma dinâmica constante entre o produtor/emissor e o recetor/destinatário, de forma a manter a relação entre a texto-fonte e o texto traduzido ou entre o facto e a notícia.

2.4. Em síntese

Com as evoluções tecnológicas e o encurtamento das distâncias, os órgãos de comunicação sentiram a obrigação de serem mais rápidos e eficazes na transmissão de notícias para todo o globo. Esta necessidade fez com que as agências noticiosas passassem a ter um papel importante no dia a dia das redações, pois são elas que alimentam as folhas dos jornais. E assim pode ficar condenada a diversidade noticiosa, que dá lugar a um conteúdo homogéneo. O caso mais notório é relativo ao jornalismo internacional, em que o jornalista apenas reproduz e recicla o trabalho dos outros. É este jornalista que muitas da vezes tem de interpretar o papel de um tradutor. Para isso tem de ter em conta a cultura do seu público-alvo e adaptar não só a língua, quando os factos ou a notícia são traduzidos, mas também a perspetiva cultural. Christiane Nord e Frank Esser sintetizaram os fatores influenciadores do ato tradutório no meio jornalístico, esclarecendo o porquê de serem dados diferentes enfoques aos mesmos acontecimentos, de acordo com o ambiente cultural em que a notícia ou a tradução se inserem.

1° Com a globalização, consequência da modernidade e das transformações ocorridas nas relações sociais, houve a necessidade de emitir, o mais rápido e eficientemente possível, notícias de todo o mundo para todo o mundo;

2° A tarefa rotineira de um jornalista condicionado pelas imposições e limitações da empresa que o contrata é reescrever e compilar informação de outros meios de comunicação, em particular das agências de comunicação;

3° Isto condena a diversidade noticiosa e a liberdade de expressão, dando origem a um conteúdo homogêneo e dependente do ponto de vista ideológico da agência noticiosa em questão;

4° O jornalismo internacional está a ficar reduzido a um mero trabalho de reprodução do trabalho dos outros;

5° O jornalismo e a tradução partilham a mesma função, a de informar o leitor, estando ambos sob influências sociais, políticas, económicas e culturais durante ambos os processos, o tradutório e o jornalístico.

6° É o jornalista que fica, na maior parte dos casos e sem preparação profissional para exercer tal atividade, com o papel de tradutor;

7° A produção de sentido está associada à noção de cultura, quer nos textos jornalísticos, quer nos textos traduzidos.

3. O jornalismo e a notícia: ontem e hoje

“O jornalismo na sua justa e verdadeira atitude, seria a intervenção permanente do país na sua própria vida política, moral, religiosa, literária e industrial.”

(Eça de Queirós, 1967: 9)

Independentemente de todas as transformações sofridas ao longo dos tempos, o jornalismo manteve as suas principais funções, apesar de com pesos e medidas diferentes: informar, interpretar, atuar e intervir. Com as alterações sofridas ao longo dos tempos e com as novas necessidades e exigências do público, o jornalismo aliou-se à tradução. Este capítulo pretende olhar o jornalismo até aos dias de hoje, entender que consequências da evolução tecnológica e do aparecimento da internet afetaram o trabalho diário nas redações e como reagiu o jornalista e a sua relação com as fontes. No final do capítulo, falaremos da tradução como possível ameaça à atividade jornalística.

3.1. O ontem e o hoje

No século XIX os jornais revolucionavam a vida social, tendo a imprensa o poder de difusão e discussão de ideias, apesar de condicionado pelo analfabetismo e baixo poder de compra dos leitores. Acabaram por marcar a mentalidade nacional “como um espaço de formação da opinião e da consciência do cidadão” (Guimarães *et alii.*, 2012: 2). Nessa época da chamada “imprensa de opinião”, os jornais eram importantes centros sociais. O chefe de redação representava o espírito e a alma da publicação, sendo responsável por oferecer ao jornal “uma vida própria” (Tengarrinha cit. em Guimarães *et alii.*, 2012: 2). Fialho de Almeida entendia o jornalismo como uma missão pedagógica de intervenção e como um meio de circulação de ideias: “É a imprensa que reforça e purifica a voz da opinião” (Almeida cit. em Guimarães *et alii.*, 2012: 3). Joel Serrão realça o facto de a imprensa da época ser “em primeiro lugar política, em segundo lugar, literária e só acidentalmente noticiosa dos acontecimentos da vida quotidiana” (Serrão cit. em Guimarães *et alii.*, 2012: 3)

A transformação industrial da imprensa permitiu um melhoramento nos sistemas de comunicações e uma mais rápida circulação de notícias, tornando-se hábito ler jornais. Alguns dos factos que permitiram que tal acontecesse foram o surgimento do Diário de Notícias em 1865, um jornal barato e acessível, a intervenção do telégrafo e o aparecimento das agências noticiosas.

“O progresso das técnicas e o aparecimento de uma imprensa barata, diversificando o seu conteúdo para deixar mais espaço à relação de informações, em vez de se dedicar apenas à expressão de opiniões, permitiram – causa e consequência ao mesmo tempo – a criação das agências” (Derieux cit. em Guimarães et alii., 2012: 3).

O século XIX “foi um período de expansão da imprensa portuguesa (...) marcado por um carácter idealista e doutrinário” (Guimarães et alii., 2012: 4). Com o tempo o jornal tornou-se num produto e a informação transformou-se de opinativa para cada vez mais objetiva.

“Em lugar do apostolado, do idealismo e da doutrina, surgiu a empresa. A caixa substituiu a tribuna (...) A personalidade do diretor apagou-se e subalternizou-se; em vez de um tributo ou de um apóstolo, tornou-se antes um chefe de escritório sempre atento às condições e desejos do conselho de administração” (Saraiva cit. em Guimarães et alii., 2012: 4).

Em pleno século XX, o ofício vira profissão, social e juridicamente reconhecida. O número de jornalistas aumenta drasticamente e surge uma hierarquia profissional e uma divisão do trabalho nas redações. É criado um vocabulário próprio e dá-se os primeiros passos no que seria mais tarde o Sindicato dos Jornalistas. Com a massificação da rádio e a implantação da televisão, surge a máxima: “a televisão mostra, a rádio conta e o jornal explica” (Guimarães et alii., 2012: 5). Com as alterações sofridas no nosso panorama mediático, “os jornais deixaram de explicar e passaram a “contar” com um dia de atraso.

Na passagem para o século XXI, o desenvolvimento da Internet trouxe sérios desafios para os *media* e foi necessário que os jornalistas se adaptassem a novas linguagens e se preparassem para o jornalismo digital.

“Em certos casos, o ciberjornalista terá de redigir notícias, produzir fotografia, áudio e vídeo, construir páginas Web, transpor conteúdos impressos ou audiovisuais para a rede, acrescentar hiperligações, fornecer interfaces que permitam aos utilizadores o recurso a bases de dados diversas” (Bastos cit. em Guimarães et alii., 2012: 6).

O jornalismo tradicional, preocupado com a veracidade, atualidade, novidade, periodicidade e interesse dos factos noticiados, sofreu alterações e deu lugar ao jornalismo das novas tecnologias e a uma nova tendência, a de tratamento de assuntos de longa duração (Fontcuberta, 1999: 14), em que um acontecimento poderá dar lugar a uma sequência de notícias. Mas não foi só o jornalismo que sofreu alterações. As mudanças estenderam-se ao papel das notícias na sociedade.

3.2. A evolução tecnológica e a Internet

O surgimento da Internet veio romper com o modelo tradicional de comunicação e terminar com a superioridade do emissor face ao recetor. Acabou com o modelo de comunicacional “de um para muitos”, focalizando a atenção em tudo e todos. Veio encurtar as barreiras espaciais e criar novas rotinas.

“No mundo globalizado em que vivemos é incontornável falar na preponderância que a Internet tem no nosso quotidiano e na forma como a sua evolução tem vindo a marcar indubitavelmente as vivências, práticas e experiências do Homem” (Gomes, 2009: 11).

São os muitos autores que afirmam a Internet é “tecnologia fundamental para a sociedade contemporânea tendo um impacto colossal na mesma” (Castells, cit. em Gomes, 2009: 55). Esse impacto global, económico, cultural e social trouxe fortes implicações para a prática jornalística. Entre outros efeitos, destacam-se os que afetam “na produção e consumo de notícias, na globalização de notícias e respetivas audiências, acelerando processos” (McNair, cit. em Gomes, 2009: 55). Gomes cita Garrison, dizendo: “a recente expansão globalizada da Internet tem um potencial imediato e inimaginável para os jornalistas na recolha e disseminação da informação. Demonstra o futuro *online* neste pequeno do *online* presente” (Garrison, cit. em Gomes, 2009: 55).

As novas tecnologias, em especial a Internet, presenteiam a prática jornalística com novos e múltiplos conteúdos, novas ferramentas e novas formas de conhecimento. O principal aspeto a ter em conta é o “elevado ritmo produtivo, de difusão e permuta de conteúdos *online*” (Gomes, 2009: 58), que apresentam um impacto a dois níveis. Em primeiro lugar, relativamente às alterações na forma como os jornalistas realizam a pesquisa de conteúdos, a recolha das

informações e entram em contacto com as suas fontes. Em segundo lugar, devido ao aparecimento do jornalismo digital (Bastos, cit. em Gomes, 2009: 58).

Segundo Koch, a rede marca uma nova era do jornalismo (Koch, cit. em Gomes, 2009), pois veio aperfeiçoar os processos de pesquisa, veio possibilitar o aprofundamento de questões e o encontro de respostas para as problemáticas constantes. O modelo de “muitos para muitos” permite ainda conhecer e interagir com a audiência, ou seja, a elaboração de uma reportagem/notícia que vá ao encontro dos interesses e valores dos leitores. Em alguns casos, é a própria audiência que fornece os conteúdos informativos (Cardoso *et alii*, 2009: 70).

A Internet é, no seu todo, um recurso economizador de tempo (Millison, cit. em Gomes, 2009: 59). Para além de ser uma fonte de recolha de informação complementar para o processo noticioso e uma forma de propagação, permite, ainda, contactar colegas, localizar pessoas e fontes, identificar especialistas, verificar informações e procurar ideias. O correio eletrónico é uma das funcionalidades mais utilizada e atrativa. Os *blogs* e as redes sociais representam também mais um recurso da rede, importante para a prática jornalística.

3.3. A evolução do papel do jornalista

A evolução do papel do jornalista tem diretamente a ver com o aparecimento das novas tecnologias, que vieram afetar as suas tarefas e a sua rotina e o levaram a estar cada vez mais preocupado com a forma do que com o conteúdo das notícias. Fidalgo explica:

“Globalmente, parece poder dizer-se que a evolução das tecnologias digitais continuou a marcar, de modo aparentemente irreversível, o trabalho dos jornalistas, sendo que a omnipresença (...) e as solicitações crescentes de produtos e formatos multimédia passaram a constar no dia a dia desta atividade tradicional” (Fidalgo, 2005: 5).

Em conjunto com estas evoluções, as transformações sociais e os contextos político-económicos têm dificultado a construção, afirmação e definição da identidade profissional dos jornalistas.

“Os jornalistas, com as novas tecnologias da informação, têm a possibilidade de aceder a mais fontes de informação, a mais instituições, a mais personalidades públicas e privadas. Dispõem de uma via direta para bancos de dados, além de poderem ser os únicos trabalhadores a controlar do princípio ao fim a realização do seu produto, porque, em teoria, não há qualquer passo intermédio

entre eles e a rotativa, pois são informadores a cuidar hoje de de tudo o que se denomina de pré-produção” (López, cit. em Fontcuberta, 1999: 108).

Em 1990, o número de profissionais aumentou drasticamente devido ao mercado televisivo privado e à explosão do *on-line*. Para além disso, a crescente presença do género feminino, quer nas redações, quer nos cursos superiores de Jornalismo e de Comunicação, foi e ainda é visível. Este facto tem vindo a permitir “uma maior heterogeneidade que, associada à progressiva diversificação de suportes e de ofícios no campo dos *media*, pode implicar alguma redefinição da profissão de jornalista” (Fidalgo, 2005: 2).

Segundo Fidalgo, com as ameaças do jornalismo *online*, as tiragens das publicações periódicas diminuíram. As condições de vida e de trabalho dos jornalistas foram-se degradando, as redações tornaram-se menos numerosas e recorreu-se a jovens menos qualificados e a estagiários, tudo isto para reduzir e rentabilizar os custos. Com o número de falências e de despedimentos a aumentar, os jornalistas viram-se “obrigados” a pôr de parte o interesse público para dar importância ao que é considerado vendável. A competição entre os órgãos de comunicação veio tornar os constrangimentos de tempo mais evidentes, o que levou a que os jornalistas tivessem de “‘chegar’ mais cedo, escrever mais depressa e transmitir com mais rapidez” (*ibid.*: 5) e a adotar a atitude do “público agora e confirmo depois”. Isto tem levado a que os princípios de independência, autonomia e prossecução, bem como a ética e a deontologia, sejam postos de parte.

Com o aparecimento dos *weblogues*, o monopólio da difusão de informação foi retirado aos jornalistas, que tiveram de dividir o espaço público com novos atores, os próprios cidadãos. Tiveram “a possibilidade de eles mesmos, com custos e conhecimentos mínimos, criarem projetos de edição e difusão de informação no espaço público” (*ibid.*: 4). Até os jornalistas acabaram por “aderir” a estas novas ferramentas de contacto com o público, uma forma de expressão/intervenção pessoal e complementar ao trabalho informativo tradicional. Ali ele, o jornalista, estaria livre das regras de exigência profissional e deontológica características da sua profissão.

As novas exigências profissionais vieram aliadas a novos instrumentos de pesquisa, tratamento e edição de informação e a novas “linguagens”.

“Algum esbatimento das tradicionais fronteiras entre trabalhadores “intelectuais” da informação e trabalhadores “técnicos” da comunicação trouxe acrescidos desafios à definição da especificidade

do trabalho jornalístico neste universo alargado daqueles a que por vezes se chama de “*media workers*”, que é cada vez mais o das empresas e grupos mediáticos de nosso tempo” (*Ibidem*).

Mas esta nova maneira de fazer jornalismo acarreta alguns problemas que as leis gerais e já existentes não previam. Entre eles a falta de uma legislação enquadradora que defina quais os direitos e deveres dos ciberjornalista e como lidar com os direitos de autor. Existe a necessidade de que a entidade autorreguladora se adeque aos novos desafios: “necessidade de um mecanismo eficaz de autodisciplina da profissão jornalística, capaz de fazer respeitar o Código Deontológico e punir eficazmente as suas violações” (Moreira cit. em Fidalgo, 2005:8).

A verdade é que ainda continuamos a assistir às consequências do aparecimento das novas tecnologias no dia a dia do jornalista. Ao retirarem o monopólio informativo aos profissionais de comunicação, o seu papel de revelação de notícias “em primeira mão”, deu lugar a uma função de interpretação e contextualização das mesmas. Fidalgo chama-lhe de “progressiva desintermediação do processo informativo” (Fidalgo, 2005: 13). Outros aspetos são a crescente desvalorização do trabalho jornalístico em prol do cidadão comum ou dos políticos, o encurtamento da fronteira entre o que é jornalismo e o que é propaganda ou o processo informativo a ser somente um processo técnico e mecânico.

3.4. A evolução do papel das fontes jornalísticas

“As fontes são pessoas, são grupos, são instituições sociais, ou são vestígios – discursos, documentos, dados – por aqueles deixados ou construídos” (Gomis, cit. Pinho, 1999: 3).

Em *Fontes Jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo*, Manuel Pinto caracteriza o jornalismo como sendo “um campo fundamental na produção e reprodução da vida social” (Pinto, 1999: 2). Por esse motivo, pareceu-lhe, e pareceu-nos, necessário analisar a relação entre as fontes e o jornalismo, principalmente devido às mudanças ocorridas nos últimos anos. Com uma crescente concentração das empresas jornalísticas de âmbito internacional, a “‘tabloidização’ da informação”, a precariedade presente nas redações, a noção indefinida de carreira profissional e as alterações nas áreas-chave de cobertura, quais as mudanças ao nível das fontes e da sua relação com os jornalistas?

Atualmente é possível afirmar que, e segundo Carlos Chaparro, “as fontes adquiriram a capacidade de produzir conteúdos noticiosos, embutidos em ações e falas recheadas de

ingredientes jornalísticos” (Chaparro, 2004). Esta é uma das mudanças observáveis. Atualmente as fontes têm a “capacidade de passar à ofensiva” (Pinto, 1999: 6), marcando a agenda pública e o processo de recolha e seleção das notícias. Isto deveu-se, essencialmente, ao aparecimento das assessorias de comunicação, da comunicação institucional e das relações públicas, para atingir os seus fins, condicionam a vida dos jornalistas e movem-se segundo uma lógica privada. Cabe aos jornalistas, devido à dependência das fontes e dos seus serviços, “conciliar a colaboração produtiva da fonte e o distanciamento que o trabalho jornalístico pressupõe” (*ibid.*: 9).

Quanto à relação propriamente dita, López-Escobar chama-lhe de “casamento por conveniência” (López-Escobar cit. em Pinto, 1999: 9). Mas o que é que cada uma das partes ganha com essa relação? As fontes ganham desde a visibilidade e atenção dos *media* até à criação de uma imagem pública positiva. E os jornalistas? Têm como principal objetivo, a obtenção de informação inédita, bem como, a confirmação ou desmentido de uma informação. O que acontece é que o jornalismo procura dar publicidade às matérias que os jornalistas considerem ser de interesse público e as fontes organizadas procuram dar publicidade às matérias que interessam às instituições (Pinto, 1999: 8).

E como tudo tem o seu senão, os problemas que advêm desta relação são, entre outros, a fuga de informação, a prática do embargo e o ‘off the record’, os rumores ou boatos, as sondagens, a proteção da identidade das fontes de informação e as implicações da informação-espectáculo, dos pseudo-eventos e do recurso ao direto.

No caso concreto do jornalismo internacional, o jornalista não tem, na maior parte das vezes, a oportunidade de confirmar os factos. As fontes não têm um papel fundamental, pois não fazem parte da fase de pesquisa da produção de uma notícia. Tanto o jornalista ou o tradutor contratado, sendo esse o caso, podem investigar por conta própria sobre o tema da notícia ou mesmo ler mais alguma coisa sobre o assunto, mas raramente conseguem entrar em contacto com alguma fonte poucos são os que o fazem e quando o fazem é através da Internet ou do telefone.

“Só uma minoria usa o telefone para procurar ou confirmar informação. Perante estes procedimentos, parece não haver dúvidas que o “jornalismo de secretária” nos meios internacionais está a ficar reduzido a um mero trabalho de reprodução das notícias dos outros, com todos os perigos que isso acarreta” (Soares, 2012: 47).

3.5. A tradução e a notícia

Numa altura em que se fala das ameaças à profissão do jornalista, do jornalismo *on-line* e do jornalista cidadão, fruto da evolução tecnológica e das redes sociais, esquecemo-nos um pouco do outro desafio, a tradução jornalística. A emissão internacional de notícias é uma consequência da globalização, que veio obrigar as agências noticiosas e os jornais a dependerem, na maior parte dos casos, da tradução. Esperança Bielsa e Susan Bassnett, autoras do livro *Translation in global news*, centram o seu livro nessa mesma ideia. “As agências noticiosas desempenham um papel importante na circulação de notícias globais. Como podemos observar, a maior parte dos seus *output* são traduções (...) As traduções, nas agências noticiosas, são assim, em termos quantitativos, de grande relevância”¹ (Bielsa & Bassnett, 2009: 67).

O que Bielsa e Bassnett (2009) fizeram foi observar, durante um mês, duas sedes regionais de dois jornais, entrevistando jornalistas de ambos e comparando os resultados obtidos. Tinham como objetivo encontrar semelhanças e diferenças entre ambos e comprovar a teoria de que a tradução faz parte do processo de produção de uma notícia.

Meta Elisabeth Zipser e Silvana Polchlopek apoiam a hipótese e escrevem:

“Não é raro um jornalista assumir a posição de tradutor, considerando-se que uma eventual contratação de profissionais tradutores geralmente onera o custo final do trabalho e demanda treinamento destes na prática de redação razão pela qual somente grandes veículos da imprensa tendem a contratar tradutores profissionais. Na grande maioria das vezes, é o próprio jornalista quem exerce essa “função”, bastando para isso conhecer o idioma estrangeiro em questão e ter realizado alguns trabalhos com sucesso, isto é, ter traduzido corretamente, sem ‘alterar’ ou ‘distorcer’ a informação” (Zipser e Polchlopek, 2009: 195).

O jornalista Bill Keller, do *The New York Times*, escreveu um artigo retratando a realidade do jornal para o qual trabalha. Enquanto tentamos contratar correspondentes estrangeiros que sejam fluentes na língua de trabalho, seria impossível que um jornal tão sério sobre notícias internacionais como o *The Times*, conseguisse trabalhar sem intérpretes/tradutores. Imensos”² (Keller, 2007: 1).

¹ tradução da autora

² Tradução da autora

A omnipresença da tradução na circulação de notícias internacionais e o seu papel essencial na produção de diferentes versões de acontecimentos reportados de todo o mundo é uma das conclusões do trabalho de Bielsa e Bassnett (2009). A tradução foi integrada com sucesso no meio jornalístico e os órgãos de comunicação são responsáveis por adaptar e reescrever o evento/notícia original de acordo com as características do seu público-alvo. A tradução jornalística está assim sujeita às mesmas normas que regulam a produção de notícias, tarefa que compete aos jornalistas executar. A verdade é que esta “nova” função dos jornalistas deixa pouco espaço para a criatividade e originalidade, devido à preocupação em manter os propósitos informativos e comunicativos do texto jornalístico original. Por outro lado: “(...) através da tradução, o jornalista transforma de uma forma importante o texto original, de modo a que a lealdade seja para com os eventos narrados e não para com o texto-fonte”³ (Bielsa & Bassnett, 2009: 73).

³ Tradução da autora

3.6. Em síntese

Com as evoluções tecnológicas, a rotina do jornalista numa redação foi consideravelmente afetada. Com cada vez mais trabalho e menos trabalhadores, o jornalista teve de adquirir outras capacidades e outros conhecimentos, preocupando-se cada vez mais com a rapidez e eficácia na transmissão da informação e com a forma das notícias. Investigar passou para último plano. Desta forma, o papel da tradução na circulação de notícias internacionais é incontestável, passando a fazer parte do dia a dia das agências noticiosas e, por conseguinte, das redações dos jornais, televisões e rádios. A tradução jornalística está sujeita às mesmas regras que guiam o processo de produção de uma notícia, tarefa da competência dos jornalistas, que pretendem adaptar e reescrever a notícia original de forma a cumprir os requisitos do seu público. Este aspeto limita a criatividade e a autonomia do jornalista, que tem de ter em atenção os acontecimentos narrados na notícia original e não o texto e a sua forma.

Neste Capítulo

1º A Internet acabou com o modelo de comunicacional “de um para muitos”, focalizando a atenção em tudo e todos. Veio encurtar as barreiras espaciais e criar novas rotinas;

2º A evolução do papel do jornalista tem diretamente a ver com o aparecimento das novas tecnologias, que vieram alterar as suas rotinas;

3º No caso concreto do jornalismo internacional, o jornalista não tem, na maior parte das vezes, a oportunidade de confirmar os factos. As fontes não têm um papel fundamental, pois não fazem parte da fase de pesquisa da produção de uma notícia;

4º A emissão internacional de notícias foi afetada pelos processos de globalização, que veio obrigar as agências noticiosas a dependerem, na maior parte dos casos, da tradução;

5º Quer por questões económicas ou por questões de gestão do tempo, o mais habitual é que seja o jornalista a assumir o papel de tradutor.

No capítulo seguinte é apresentada a metodologia adotada, o que passa pela exposição do modelo de análise, do instrumento de recolha escolhido e do processo de seleção da amostra. No final é descrito o método de observação dos dados, de acordo com os critérios de análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977).

4. Metodologia

Este projeto tem como objetivo central, como já foi referido, compreender a forma como o jornalismo e a tradução coabitam no processo de produção da notícia. Pretende-se ainda mostrar a relevância da tradução no meio jornalístico, como está inserida no dia a dia dos jornalistas e da redação e como é vista por estes profissionais. Para atingir estes objetivos, desenhou-se uma abordagem metodológica que passamos a explicitar.

4.1. O modelo de análise – apresentação e discussão

Recordando as questões de investigação:

1. Até que ponto o jornalismo e a tradução se relacionam no processo de produção da notícia?
2. Quais os critérios de seleção de uma notícia em língua estrangeira, para que ela seja traduzida e noticiada em português?
3. Como é tratado um *press release* ou uma notícia escritos numa língua estrangeira numa redação nacional? Os factos são investigados?
4. Qual o papel do jornalista no processo de produção de uma notícia que chega em língua estrangeira?
5. Qual o papel da tradução/tradutor no meio jornalístico?
6. Como é visto o tradutor pelos jornalistas?

Para clarificar as questões a serem respondidas neste trabalho e perceber como fazê-lo, foi elaborado um modelo de análise.

O quê?	Como?
Presença da tradução no processo de produção de uma notícia	Tratamento dado a uma notícia que implique tradução
Crítérios de seleção de uma notícia que implique tradução	Valores-notícia aplicados
Fatores condicionantes na produção de uma notícia que implique tradução	Condições de contacto, confirmação e investigação dos acontecimentos
Novos conceitos: jornalista-tradutor e interface tradução-jornalismo	Novas tarefas atribuídas ao jornalista e percepção da relação entre o jornalista e a tradução
Papel da tradução e do tradutor no meio jornalístico	Casos em que a tradução e o tradutor fazem parte do processo de produção de uma notícia
O tradutor no meio jornalístico	Visão dos jornalistas sobre a presença do tradutor na redacção

Tabela 1. Modelo de Análise

A primeira coluna representa o que nos propomos responder e a segunda de que forma iremos fazê-lo. É possível ter a consciência da presença da tradução no processo de produção de uma notícia através da descrição do processo de produção de uma notícia em língua estrangeira. Para compreender quais os critérios de eliminação de umas notícias em prol de outras, é necessário entender quais os valores-notícia tidos em conta pelo jornalista ou pela redacção. Conhecendo as condições de investigação ou de confirmação de factos ou acontecimentos ocorridos fora de Portugal, consegue-se determinar quais os fatores que condicionam a produção de uma notícia internacional. Para entender os novos conceitos de interface tradução-jornalismo e de jornalista-tradutor, é preciso que se descodifique a relação entre o jornalista e a tradução e se perceba quais são as alterações na sua rotina.

4.2. O instrumento de recolha – construção da entrevista

As respostas às questões de investigação foram formuladas depois da realização de várias entrevistas a jornalistas que trabalham com notícias internacionais em língua estrangeira, em especial aqueles que têm de “fazer de tradutores” durante o processo de produção, e a tradutores profissionais que trabalham com tradução jornalística.

A escolha da entrevista como método de recolha de informações deve-se ao facto de permitir uma mais profunda análise dos indivíduos e das suas atitudes. Sendo um método de observação intensiva, “centra as suas atenções em grupos restritos que procura conhecer com maior pormenor” (Fernandes, 1995: 175).

“As entrevistas podem visar a recolha de informações sobre dados de facto, que só dificilmente serão conhecidos de outro modo, procurar a recolha de indicações sobre opiniões, atitudes e comportamentos prováveis. No primeiro caso, estamos perante entrevistas documentais; no segundo, perante entrevistas de opinião” (Fernandes, 1995: 176).

Como tal, são “entrevistas de opinião” (Fernandes, 1995: 176), pois o nosso trabalho queria perceber a realidade a partir das opiniões dos participantes sobre o tema. As entrevistas que foram realizadas foram centradas, ou seja, foram conduzidas por mim com a ajuda de um pequeno guião, de forma a direccionar para os temas pertinentes para o trabalho. Caracterizam-se pela liberdade atribuída ao entrevistador para elaborar as perguntas e para as ordenar da forma que acha mais adequada.

A utilização de um guião pretende clarificar os objetivos do trabalho e a dimensão de análise da entrevista. O guião foi elaborado de acordo com o modelo de análise, onde é possível observar o que queríamos investigar e a maneira como ia ser possível fazê-lo.

A maior parte das entrevistas foi realizada via e-mail, devido à localização geográfica e falta de disponibilidade dos participantes.

4.3. A amostra – processo de seleção

Os participantes seleccionados para este estudo foram jornalistas portugueses que contactam com notícias internacionais em língua estrangeira, especialmente os que tenham de incluir a tradução no processo de produção da notícia. E dois tradutores profissionais que trabalham com esta tradução especializada.

Seguimos os princípios de diversidade e saturação de Zaneiski (Zaneiski cit. em Guerra, 2006: 40). A diversidade refere-se à heterogeneidade dos entrevistados e a saturação à repetição de informações recolhidas. O último tem um papel importante, permitindo perceber qual o momento final da pesquisa e generalizar os resultados.

“A saturação é menos um critério de constituição de amostra do que um critério de avaliação metodológico desta. Cumpre duas funções essenciais: do ponto de vista operacional, indica em que momento o investigador deve parar a recolha de dados (...); do ponto de vista metodológico, permite generalizar os resultados ao universo de trabalho (população) a que grupo analisado pertence (generalização empírico-analítica).” (Pires cit. em Guerra, 2006: 42)

Segundo a distribuição de Teresa D'Oliveira, a nossa amostra é não probabilística, pois os participantes foram selecionados e não tem como objetivo representar todos os elementos do meio jornalístico. Quanto à subdivisão desta categoria, D'Oliveira fala em cinco subcategorias: intencional, bola de neve, conveniência, quotas e *random route*. Podemos classificar a escolha deste grupo específico de participantes como intencional (D'Oliveira, 2002: 60). Tem a ver com a importância da experiência de cada um deles e do possível contacto com a tradução no seu dia a dia. Não faria sentido serem jornalistas que não se encontrem em contacto com a tradução, pois não poderiam dar-nos a sua opinião ou falar-nos da sua rotina.

Como foi dito em cima, as entrevistas realizadas foram entrevistas centradas e isso deve-se à especificidade no processo de seleção da amostra.

“Como o nome indica, a entrevista centrada tem por finalidade centrar a sua atenção sobre uma experiência e os efeitos dum ou vários estímulos particulares. (...) a escolha dos entrevistados e sobretudo o objetivo são mais precisos. Com efeito, as pessoas que se interrogam são aquelas que estiveram implicadas na situação concreta que se deseja analisar.” (Grawitz cit. em Portela, 1978: 77)

A nossa amostra pode ainda ser classificada como amostragem por caso único, pois “consiste na escolha de uma pessoa, situação ou local para fazer uma análise intensiva” (Guerra, 2006: 44). Numa posterior análise qualitativa como a nossa, temos como objetivo uma descrição mais detalhada e não tão generalizada, apesar de tal também ser possível, como diz Pires: “A generalização designa as inferências analíticas feitas a partir da observação da estrutura, os processos de funcionamento de um sistema ou de uma vida social” (Pires cit. em Guerra, 2006: 45).

Deste grupo de entrevistados fazem parte jornalistas dos dois jornais nacionais diários, o Correio da Manhã e o Público, de um semanário, o Expresso, e de uma agência noticiosa, a agência Lusa. Assim também foi possível observar e constatar a existência ou inexistência de diferenças na produção de uma notícia ou a existência ou inexistência de outros intervenientes ao longo do

processo entre os diferentes órgãos de comunicação, o que não aconteceria se nos focássemos num único jornal. Dos dois tradutores entrevistados, um deles é professor universitário e tradutor *freelancer* e o outro trabalha no Courier Internacional.

A primeira tentativa de contacto com os órgãos de comunicação escolhidos foi feita via e-mail, com um e-mail simples, contendo apenas uma breve apresentação do tema e do objetivo do trabalho e a intenção de agendar algumas entrevistas. Para que as entrevistas se focassem nos aspetos relevantes, foi preparado um guião de acordo com um modelo de análise, que por sua vez se orientou pelas questões de investigação.

Sem respostas por parte dos órgãos de comunicação e com a elaboração dos guiões para as entrevistas terminada, foi feita uma segunda tentativa de contacto, desta vez via telefone. O professor e tradutor Fernando Alves, disponibilizou-se para ser entrevistado e falar sobre a sua experiência no meio jornalístico como tradutor contratado. Uma jornalista do Público, a jornalista Rita Siza, concordou encontrar-se comigo e a entrevista foi realizada, pessoalmente, na redação do jornal. As restantes foram feitas via e-mail, pois os jornalistas e a outra tradutora que aceitaram ajudar-me estavam localizados no centro do país e não havia a possibilidade de uma deslocação minha para as fazer pessoalmente.

4.4. A análise

Para Laurence Bardin, a análise do conteúdo é:

“Um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/receção (variáveis inferidas) destas mensagens” (Bardin, 1977: 44)

A autora divide-a em três fases: a pré-análise, onde são organizadas e sistematizadas as ideias principais do trabalho, a exploração do material, que consiste na “aplicação sistemática das decisões tomadas” (Bardin, 1977: 127), e a fase de tratamento dos resultados obtidos e interpretação, a última fase em que será possível perceber quais os dados ou informações relevantes para o trabalho.

“A técnica de análise de conteúdo adequada ao conteúdo, ao domínio e ao objetivo pretendidos tem de ser reinventada a cada momento (...).” (Bardin, 1977: 32)

Existem dois tipos de documentos que podem ser sujeitos à análise: documentos naturais, isto é, produzidos espontaneamente, ou documentos suscitados pelas necessidades do estudo (Bardin, 1977: 41). No nosso caso, os documentos que serão analisados encaixam na segunda categoria. A análise documental difere da análise do conteúdo nos seguintes aspectos:

1. Trabalha com documentos e não com mensagens;
2. Faz-se por classificação-indexação;
3. O objetivo é a representação condensada da informação, enquanto a análise do conteúdo pretende evidenciar os indicadores presentes nas mensagens que permitam inferir sobre outra realidade.

Guerra afirma que a análise de conteúdo tem duas dimensões, uma dimensão descritiva que “visa dar conta do que nos foi narrado” e uma dimensão interpretativa “que decorre das interrogações do analista face a um objeto de estudo” (Guerra, 2006: 62).

Bardin admite que a análise de entrevistas é delicada, pois o objetivo é inferir algo através das palavras e a propósito de uma realidade que represente um grupo de indivíduos. A sua sugestão, e a mais acertada para este trabalho, é que seja feita uma análise clássica, em que são agrupadas as coocorrências, e, para que não seja posta de parte a “arquitetura cognitiva e afetivas das pessoas singulares” (Bardin, 1977: 91), que seja combinada com a técnica de decifração centrada em cada entrevista. Esta técnica deve ser aplicada previamente e consiste numa abordagem *ad hoc*, em que cada entrevista deve ser encarada como “novidade”, deixando de parte as anteriores e parte da subjetividade do analítico.

Desta maneira, e segundo os critérios de Laurence Bardin, o processo de análise iniciou-se pela organização das ideias principais de cada entrevista, agrupando os elementos em comum de acordo com as questões de investigação a serem respondidas. Seguidamente foi feita uma exploração do material, onde foram sistematizadas e sintetizadas essas ideias. Por fim, numa fase de tratamento e interpretação das entrevistas, foram escolhidos os dados importantes e significativos para os objetivos do trabalho.

5. Apresentação e discussão dos resultados

Neste capítulo vão ser apresentados e discutidos os resultados recolhidos através das entrevistas realizadas. O capítulo está dividido em sete pontos, sendo que os primeiros seis representam as questões de investigação a serem respondidas neste trabalho. As respostas estão agrupadas segundo a área de trabalho dos entrevistados, de modo a contrapor a opinião/resposta dos jornalistas e a opinião/resposta dos tradutores. O último ponto é um pequeno resumo dos resultados obtidos e a resposta à questão: O jornalismo e a tradução coabitam no meio jornalístico?

5.1. Até que ponto o jornalismo e a tradução se relacionam no processo de produção da notícia?

Uma das primeiras e principais questões a ser respondida neste trabalho é a da existência de uma relação entre o jornalismo e a tradução. Segundo o modelo de análise elaborado, isso seria perceptível através da compreensão do tratamento dado a uma notícia em que seriam aplicados métodos de tradução.

5.1.1. Os jornalistas

Durante as entrevistas foi possível perceber que nem todos os jornalistas têm a ideia clara do que é fazer tradução. É possível observar que a tradução é um passo intermédio, uma forma de perceber o que é dito na notícia da língua original.

“A tradução é feita por quem elabora a notícia, mas é a tradução de um leitor, e não de um tradutor.” Francisco Gonçalves, *Correio da Manhã*

Cristina Peres, jornalista do *Expresso*, admite a presença da construção no processo de tradução de uma notícia, mas considera que falar e compreender línguas estrangeiras é um dos requisitos obrigatórios de um jornalista.

Ricardo Ramos, jornalista do *Correio da Manhã*, diz que existe sempre um elemento humano, ou seja, as notícias não são traduzidas e publicadas, são escritas com base noutras fontes, algumas delas estrangeiras.

“ (...) Nós não traduzimos (no sentido de transposição do que está escrito para a nossa língua, copiando frases, parágrafos ou textos inteiros). Nós lemos o que está escrito numa língua estrangeira, mas as frases, parágrafos e artigos são totalmente nossos, não resulta de uma tradução factual.” Ricardo Ramos, *Correio da Manhã*

Rita Siza, jornalista do Público, explica o que se passa na redação do jornal.

“No nosso caso, a tradução pode não se refletir no trabalho final, mas pode ser um processo ou passo intermédio. Ou seja, existe uma tradução do que leio, das informações, mas muitas vezes o papel da tradução é ter acesso a discurso direto de intervenientes (...) Todo o trabalho e tudo aquilo que aparece citado, é uma tradução daquilo a que eu tenho acesso.” Rita Siza, *Público*

Nos excertos de documentos, como um relatório ou comunicado à imprensa, ou a citações de personalidades, é feita tradução literal do que consta na versão original da notícia. Sendo assim, de acordo com os jornalistas entrevistados, as notícias em língua estrangeira não são na sua totalidade traduzidas, o que está escrito é lido, mas a notícia em português é produzida de raiz com as informações recolhidas. Acaba por haver uma espécie de contradição no discurso dos profissionais da área, porque existe de facto a presença da tradução, nem que seja numa pré-fase em que o jornalista se informa e recolhe as informações para elaborar a notícia, informações essas que lhe são fornecidas noutra língua.

5.1.2. Os tradutores

Como tradutor freelancer, Fernando Ferreira Alves, fala da sua experiência e afirma que as traduções que lhe são pedidas, na maior parte das vezes, são numa fase de preparação e redação da notícia, isto é, o jornalista apenas precisa de um intermediário para entender o essencial do conteúdo da notícia original, o que vai de encontro com o que foi dito pelos jornalistas. Existem casos em que a tradução é feita no próprio processo de produção da notícia. Nestes casos mais especializados, existe um controlo e acompanhamento por parte do órgão de comunicação durante a intervenção do tradutor.

Mariana Passos e Sousa, tradutora estagiária do *Courrier International*, diz que tudo depende do tipo de notícia. No caso de uma notícia produzida numa agência noticiosa, ambos os processos,

o de tradução e o de escrita da notícia, são simultâneos e o tradutor e o jornalista são a mesma pessoa, alguém em formação ou com a formação adquirida pela prática – quer um tradutor com formação em jornalismo, quer um jornalista com formação em tradução. No caso de ser uma notícia produzida em contexto de redação, o mesmo acontece, pois são raros os casos em que existe um tradutor na redação. No caso específico do *Courrier*, Mariana afirma que não se produzem notícias do ponto de vista da tradução.

“No caso do *Courrier*, eu diria que não se produzem notícias do ponto de vista da tradução, porque não só os géneros que são traduzidos correspondem mais a géneros interpretativos e opinativos do que informativos (...), como também acho que o tradutor não tem essa função.”

Mariana Passos e Sousa, *Courrier Internacional*

O trabalho de um tradutor na área é adaptar determinados termos e conceitos para melhor compreensão do leitor, isto inclui expressões idiomáticas e apontamentos estilísticos, mas Mariana questiona-se se podemos considerar isto como o ato de produzir uma notícia, porque sem dúvida trata-se de tradução.

5.2. Quais os critérios de seleção de uma notícia em língua estrangeira, para que ela seja traduzida e noticiada em português?

Quanto aos critérios de seleção das notícias para serem noticiadas em português, o modelo de análise propunha perceber quais são os valores-notícias aplicados pelo órgão de comunicação em causa.

5.2.1. Os jornalistas

Quase todos os jornalistas entrevistados afirmaram que não é uma tarefa da sua competência e que o responsável pela seleção é o editor, segundo os critérios de noticiabilidade do órgão de comunicação. Entre os critérios apontados pelos jornalistas estão o critério de atualidade e de pertinência, a proximidade geográfica, a relevância da notícia no contexto diário e a originalidade e importância do tema. Pode concluir-se então que os critérios de seleção de uma notícia internacional não diferem dos critérios de seleção de uma notícia nacional.

“Os critérios são a diversidade de informação e a fiabilidade das fontes da informação. A escolha obedece à relevância da notícia e aos critérios do jornal.” Francisco Gonçalves, *Correio da Manhã*

5.2.2. Os tradutores

Fernando Ferreira Alves trabalha com vários órgãos de comunicação, mas nunca diretamente. Quem o contrata são os responsáveis pela gestão dos conteúdos, logo não tem conhecimento dos critérios de seleção.

“ (...) O que eu acabo por receber é o que eles consideram importante. A seleção já foi feita. Eu recebo apenas a encomenda como tradutor.” Fernando Ferreira Alves, *tradutor freelancer*

No *Courrier International*, são feitos dois tipos de seleção. Na edição francesa, são os editores de lá que tratam de escolher os artigos. Na edição portuguesa, os responsáveis portugueses fazem outro tipo de seleção, podendo incluir artigos que tenham sido postos de parte na versão original. Mariana Passos e Sousa concorda com o colega e comprova que apenas traduz os artigos, não sabendo quais os critérios de escolha.

5.3. Como é tratado um *press release* ou uma notícia escritos numa língua estrangeira numa redação nacional? Os factos são investigados?

Neste trabalho era importante perceber se os factos e acontecimentos noticiados noutra país e seleccionados para serem notícia em Portugal seriam investigados ou confirmados pelos jornalistas ou tradutores, por meio do contacto com as fontes ou outro tipo de investigação. Queríamos perceber se existiam fatores que condicionassem a produção de uma notícia que implicasse tradução e que dificultassem esse contacto.

5.3.1. Os jornalistas

Quando se trata de uma notícia internacional, o contacto com as fontes ou com os protagonistas da história torna-se quase impossível, umas vezes por falta de tempo e outras por falta de meios. Os jornalistas admitiram que, na maior parte das vezes, confrontam e comparam a notícia com outros *media*, entram em contacto com peritos ou especialistas no tema ou ainda, quando se

trata de notícias relativas a alguma organização internacional ou embaixada, existe alguém disponível para falar com eles.

“Normalmente, para escrever sobre um tema, consultamos várias fontes e só escrevemos quando a informação é veiculada por mais do que uma.” Ricardo Ramos, *Correio de Manhã*

“Quando são, por exemplo, informações partilhadas nas redes sociais de outros jornalistas (...) aplica-se um critério da credibilidade da fonte, pois a credibilidade da informação é garantida pelo órgão de comunicação para o qual esse jornalista trabalha.” Rita Siza, *Público*

Pode dizer-se então que o facto de se tratar de notícias relativas a acontecimentos passados fora do país, isso dificulta o contacto e a confirmação das informações. Quando os mesmos factos são noticiados noutros órgãos de comunicação, os jornalistas portugueses confrontam a notícia com esses *media*, mas reconhecem que, na maior parte das vezes, as notícias derivam de fontes fidedignas. Nestes casos não é feita nenhuma espécie de verificação dos dados da notícia, sendo que as informações são tomadas como creíveis, com todos os riscos que daí podem advir.

5.3.2. Os tradutores

Se o contacto com as fontes para os jornalistas é difícil, para os tradutores a situação piora, devido, no caso de um tradutor contratado, aos intermediários. Nestes casos, a investigação é feita por escolha e por parte do tradutor, que pode tentar documentar-se através de outros órgãos de comunicação ou contactar algum colega jornalista que tenha algum conhecimento na área. O contacto com as fontes nunca acontece.

“Contacto com as fontes, não tenho. (...) Eu procuro sempre documentar-me o mais possível, eventualmente não com as fontes, mas com colegas que tenham algum trabalho nessa área que me possam assegurar alguma qualidade.” Fernando Ferreira Alves, *tradutor freelancer*

Mariana Passos e Sousa, como tradutora estagiária, trabalha com o editor da revista e é com ele que soluciona as dúvidas que tenha sobre o texto que está a traduzir.

“Ao mesmo tempo, acabo por fazer pesquisa tal e qual como se fosse jornalista, para poder enquadrar o contexto da notícia na tradução, porque esta não é apenas um fenómeno linguístico.”, Mariana Passos e Sousa, *Courrier International*

5.4. Qual o papel do jornalista no processo de produção de uma notícia que chega em língua estrangeira?

Com esta questão de investigação, pretendíamos entender qual o papel do jornalista, quais as novas tarefas que lhe são atribuídas aquando a produção de uma notícia que implique a tradução, possivelmente a de tradutor, e qual a sua relação com a tradução.

5.4.1. Os jornalistas

Na maior parte dos casos, e devido à “obrigatoriedade” por parte de um jornalista de ter conhecimentos em línguas estrangeiras, o jornalista responsável pelo artigo recolhe as informações da notícia original e elabora um novo artigo em português. Mas tudo depende do tipo de texto. Ou seja, o jornalista acaba por ser o responsável pela tradução, nem que apenas o faça relativamente às informações importantes e necessárias para escrever o seu artigo. Nos poucos casos em que as notícias são traduzidas por um tradutor, cabe ao jornalista rever e adequar o texto ao público-alvo e aos critérios do jornal.

“No caso de um órgão (e.g. um jornal) utilizar informação fornecida por agências de notícias como a Reuters, são os jornalistas do órgão que produziram o próprio trabalho, apoiando-se nessas informações.” Alison Roberts, *Lusa News*

“Depende da dimensão e da urgência do texto. Uma coisa é certa, ao jornalista compete rever a tradução do texto traduzido, de modo a adequá-lo à linguagem jornalística e expurgá-lo de eventuais erros ou omissões que possam surgir.” Hélder Martins, *Expresso*

No jornal *Público*, como trabalham com uma agência internacional, a *Project Syndicate*, uma espécie de bolsa de trabalhos de vários jornais internacionais, os artigos que são adquiridos pelo jornal são traduzidos por um tradutor profissional. Todos os restantes são traduzidos pelos jornalistas residentes na redação.

“Nos casos do *Project Syndicate*, é um tradutor contratado. Nos casos das notícias vindas diretamente das agências para o site, somos nós.” Rita Siza, *Público*

Samuel Sloop, ex-jornalista da *Lusa News*, foi contratado pelas suas competências em ambas as áreas, mas aparenta ser caso único.

“No meu caso, na Lusa, fui contratado por ambas as minhas competências jornalísticas e linguísticas. Não acredito que a agência tenha algum tradutor oficial. A função, quando necessária, é realizada pelos jornalistas.” (tradução da autora) Samuel Sloop, *Lusa News*

Quando confrontados com a questão da possibilidade de uma tradução de uma notícia ser feita apenas por uma das partes, um tradutor ou um jornalista, as respostas foram muito idênticas, realçando a importância dos conhecimentos linguísticos e à prática jornalística. Cristina Peres, do *Expresso*, considera que ambos os cenários são possíveis, apesar de a última palavra caber ao jornalista. Algo parecido foi dito por Hélder Martins, também do *Expresso*:

“Ao longo de mais de 20 anos de profissão em que muitas vezes tive de encomendar traduções, foram muitas poucas as que não tiveram que levar qualquer tipo de correção.” Hélder Martins, *Expresso*

5.4.2. Os tradutores

Os tradutores retrataram realidades diferentes quanto ao papel do jornalista no processo de produção de uma notícia que envolva o ato de traduzir, isto porque um trabalha como tradutor num jornal e o outro é apenas contratado. Podem não só falar da sua experiência, mas também da realidade de que já ouviram falar ou que presenciaram. Fernando Ferreira Alves conta:

“Na altura trabalhei com alguns profissionais da Lusa e eles optam por traduzir diretamente, porque têm competências de tradução e de língua, competências de redação e sabem construir uma notícia, coisa que às vezes um tradutor não sabe.” Fernando Ferreira Alves, *tradutor freelancer*

A verdade é que quando se tratam de temas jornalísticos mais específicos, os órgãos de comunicação preferem contratar um tradutor ou um especialista na área para realizar a tradução.

No *Courier* as traduções são da responsabilidade do tradutor e são posteriormente revistas pelo editor-executivo. Mariana Passos e Sousa reconhece, como tradutora em meio jornalístico, que os tradutores não estão treinados para as subtilidades da linguagem jornalística e que existe um desencontro entre ambos os profissionais, aspeto que só prejudica os leitores.

“Com treino e com vontade de integrar os tradutores nas secções de internacional, os meios de comunicação só teriam a ganhar.” Mariana Passos e Sousa, *Courier Internacional*

Quanto a ser apenas um profissional a produzir uma notícia a partir de uma notícia internacional em língua estrangeira, ambos os tradutores mostraram-se reticentes quanto a essa hipótese. Como Mariana Passos e Sousa já tinha afirmado e completa agora:

“Tenho lido muito sobre jornalistas que, tendo conhecimentos amplos ou não de línguas estrangeiras, falham ao traduzirem informação ou notícias internacionais. Isto porque ainda se acredita que o tradutor só faz traduções literais, e isso não é verdade. Um tradutor, acima de tudo e tal como um jornalista, é um mediador.” Mariana Passos e Sousa, *Courrier Internacional*

Pode dizer-se que o trabalho de um tradutor ainda não é 100% compreendido pelos colegas de outras áreas. No meio jornalístico, o jornalista faz a mediação entre um facto e os seus leitores, tornando-o compreensível. Algo que se equipara à tarefa de um tradutor: transformar um texto direccionado para determinado público inserido em determinado contexto cultural e torná-lo compreensível para outro público pertencente a outro contexto cultural. Mariana Passos e Sousa utiliza o termo “mediador cultural” e considera que nem um jornalista substitui um tradutor nem o contrário acontece, mas que um jornalista erra mais no papel de um tradutor do que um tradutor no papel de um jornalista.

“Como já disse, são trabalhos com objetivos diferentes, com rotinas de trabalho diferentes, mas que são complementares.” Mariana Passos e Sousa, *Courrier Internacional*

Fernando Ferreira Alves admite o peso da prática jornalística, mas salienta a falta dos conhecimentos e as competências de tradução, quando a tarefa é realizada apenas e só pelo jornalista. O contrário também acontece, pois a tradutor nem sempre sabe seleccionar o importante e o interessante para o público-alvo em causa, tarefa que cabe ao jornalista.

5.5. Qual o papel da tradução/tradutor no meio jornalístico?

Se realmente a tradução e o tradutor têm um papel no meio jornalístico, queremos conhecer quando e quais são os casos em que fazem parte do processo de uma notícia.

5.5.1. Os jornalistas

A presença de um tradutor na redação dos jornais não se verifica nem se demonstra necessária, pois um dos requisitos essenciais para trabalhar como jornalista é dominar uma ou mais

línguas. Outros dos motivos pelos quais tal não acontece e não existe um tradutor na redação é o fator económico ou a diferença no ritmo e na rotina de trabalho dos dois profissionais.

“Na área das notícias não há tempo para trabalhar no ritmo que um tradutor estaria acostumado a trabalhar.” Alison Roberts, *Lusa News*

O jornal *Público* trabalha com uma agência *Project Syndicate*, sendo que as notícias que são publicadas no jornal e que provêm dessa agência foram traduzidas por tradutores profissionais. Este serviço é pago e os créditos são atribuídos à agência. Alguns dos textos que são publicados no jornal são traduções diretas e não sofrem intervenção de qualquer jornalista.

Quanto ao papel da tradução no meio jornalístico, como já foi em cima referido, os jornalistas não reconhecem que a tradução tenha um papel importante. Apenas “serve” para traduzir citações, partes de comunicados, artigos escritos por correspondentes estrangeiros ou artigos adquiridos de agências.

“Na minha experiência, a tradução tem tido um papel importante exclusivamente quando se refere diretamente, citações de pessoas ou documentos.” (tradução da autora) Samuel Sloop, *Lusa News*

Outros exemplos são os artigos de áreas especializadas, como economia, ciências ou tecnologia, ou os artigos mais elaborados.

“Normalmente, a tradução de um ‘feature’ (artigo de fundo destinado a ser publicado em vários jornais) é entregue a tradutores. Não dispensando uma revisão posterior.” Hélder Martins, *Expresso*

5.5.2. Os tradutores

Em casos de jornalismo mais especializado ou quando existe a necessidade de perceber o conteúdo da notícia, são contratados tradutores profissionais. Fernando Ferreira Alves fala do caso do *Público* e do *Expresso* que têm cadernos específicos e, por isso, trabalham com tradutores e especialistas com conhecimentos da língua e da terminologia. Para Mariana Passos e Sousa, e tendo em conta que trabalha para o *Courrier International*, a tradução cabe ao tradutor e tem um papel essencial em quase todas as notícias.

“No caso do *Courrier International*, a tradução é da responsabilidade do tradutor. O texto é posteriormente editado pelo editor-executivo, que revê todos os textos e tenta, nas suas palavras, dar-lhes um toque ‘jornalístico’.” Mariana Passos e Sousa, *Courrier Inernacional*

5.6. Como é visto o tradutor pelos jornalistas?

Cabe à questão de investigação final mostrar-nos qual a visão dos jornalistas sobre a presença do tradutor na redação.

5.6.1. Os jornalistas

Para os jornalistas, o tradutor é assim visto como um recurso útil, mas não essencial. Raramente como um colega de trabalho e mais como um prestador de serviços, que apenas entra em cena em casos muito específicos e, principalmente, em publicações como as da Público ou Expresso.

“Não vejo qual a necessidade de ter tradutores no meio jornalístico, a não ser quando é preciso traduzir artigos que estejam em línguas, digamos, menos comuns, como o russo, chinês e holandês.” Ricardo Ramos, *Correio da Manhã*

5.6.2. Os tradutores

Fernando Ferreira Alves usa o termo “outsider” para descrever como é visto um tradutor no meio jornalístico.

“Não é uma ameaça, porque até nem chega a sê-lo, mas devido à invisibilidade da profissão e à falta de regulamentação profissional, não há muito essa articulação entre um e outro. Portanto, às vezes podemos estar a falar em questões de território.” Fernando Ferreira Alves, *tradutor freelancer*

Mariana Passos e Sousa conta que, no *Courrier International*, o tradutor é extremamente valorizado e respeitado. Em outras agências noticiosas, o mesmo acontece, e o tradutor trabalha em igualdade de circunstâncias com os jornalistas, formando tradutores para trabalhar como jornalistas. Algo que não acontece na Lusa e noutras redações dos jornais portugueses.

“Em geral, a presença de tradutores nas redações dos meios de comunicação nacionais é mal vista e encarada como desnecessária. Mais uma vez, assume-se que os jornalistas, como são normalmente licenciados, têm conhecimento de sobra de línguas (leia-se inglês), para darem conta do recado.” Mariana Passos e Sousa, *Courrier International*

Justifica esta receção por parte dos profissionais de jornalismo, em relação aos tradutores, com questões económicas e com ignorância sobre o trabalho de tradução, e para Mariana, o jornalista pode mesmo sentir-se ameaçado, devido à crise dos meios de comunicação social, o que o levam a temer perder o seu emprego.

“Eu vejo o tradutor como um potencial colaborador de imensa utilidade da redação (...). Mas o que sinto (...) é que há imensa hostilidade em relação à presença do tradutor na redação. Mas devia haver treino, de parte a parte, para que ambas as funções – de jornalista e de tradutor – pudessem ser efetivamente complementares.” Mariana Passos e Sousa, *Courrier International*

5.7. Em síntese, o jornalismo e a tradução coabitam no meio jornalístico?

Como uma das fases do processo ou como um instrumento ou passo intermédio, a tradução faz parte da rotina de um jornalista, quer seja o próprio a traduzir, quer seja um elemento externo da redação, um tradutor contratado, a fazê-lo.

Em muitos casos, a tradução permite a compreensão dos dados e conteúdo da notícia original. Ou seja, o jornalista, numa pré-fase, “traduz” os factos e recolhe as informações necessárias para elaborar um novo artigo. Não existe a tradução literal ou total do artigo original. Noutros, o jornalista apenas revê a tradução finalizada de um tradutor. Por exemplo, textos sobre temas mais específicos são entregues a um tradutor profissional e depois revistos por parte dos jornalistas, que podem acompanhar todo o trabalho de tradução.

No que toca à seleção dos factos ou notícias para serem noticiados em português, a escolha é feita por parte do editor e de acordo como os critérios de noticiabilidade adotados pelo órgão de comunicação. O tradutor nunca faz parte deste processo, quer nas agências de comunicação, quer como tradutor contratado.

Quanto à confirmação ou investigação das informações transmitidas na notícia original, tal não acontece, principalmente por falta de meios ou por falta de tempo. Os jornalistas confrontam e comparam as informações com outros meios de comunicação ou, quando se aplica, entram em contacto com especialistas na área ou no tema. Quando o trabalho é entregue a um tradutor, não existe nenhum tipo de contacto com as fontes. Isto acarreta riscos, como a transmissão de dados e informações incorretas, por exemplo, e condena a heterogeneidade dos *media*.

Os jornalistas acham-se capazes de elaborar ambas as tarefas, a tradução e a produção do artigo, e tal opinião é contestada pelos tradutores. Os últimos assumem que os profissionais de comunicação não têm as competências necessárias nem os conhecimentos em tradução para realizar um bom trabalho. Tal discordância também se verifica relativamente à presença constante de um tradutor na redação de um jornal. Os jornalistas veem-na como desnecessária, apesar de ser um recurso útil, e dispendiosa - um gasto que poucos jornais se poderiam dar ao luxo de ter. Já os tradutores veem o seu trabalho como uma mais-valia para os jornalistas e, com formação e uma correta integração, também para o público.

Quatro autoras, especialistas no tema, atestam o que foi encontrado durante a análise dos dados: Zipser e Polchlopek (2009) dizem que a tradução em meio jornalístico é reduzida à tradução literal, como é conhecida segundo o senso comum. Falam ainda do problema dos custos, que levam a que muitos órgãos de comunicação atribuam a tarefa ao jornalista. Bielsa e Bassnett (2009) puderam concluir que quando observamos a circulação de notícias internacionais é impossível não observar a omnipresença da tradução e o seu papel essencial no processo de produção.

Depois de uma apresentação e discussão dos resultados é possível dizer que o jornalismo e a tradução coabitam no meio jornalístico e no processo de produção de uma notícia. Esta convivência não é pacífica, pois os profissionais das duas áreas discordam em muitos aspetos que envolvem a produção conjunta de uma notícia e as vantagens da divisão de tarefas. Existe uma desconfiança comparativamente ao trabalho do colega da outra área, algo que se verifica em ambas as direções - quer por parte do jornalista, quer do tradutor.

6. Considerações finais

A compreensão da coabitação e da relação entre o jornalismo e a tradução no processo de produção de uma notícia era a questão central a ser respondida neste trabalho. As principais motivações passavam pelo entendimento do papel e da importância da tradução no meio jornalístico e as alterações que isso traz para o papel do jornalista. Como foi dito anteriormente, a escolha do tema deve-se à vontade de combinar a minha licenciatura em Línguas Aplicadas com o mestrado e a área do jornalismo.

Decidi problematizar dois aspetos que, para mim, se salientam em relação aos restantes questões de investigação.

A primeira questão que merece ser problematizada é o facto de os jornalistas se acharem capazes de traduzir de uma língua estrangeira para português, sem que exista a participação de um tradutor. Isto acontece porque os jornalistas não compreendem qual o papel dos tradutores no meio jornalístico, por ignorância do que é uma tradução. A verdade é que não reconhecem o seu trabalho e muitos limitam-se a pensar que os tradutores e a tradução não pertencem ao meio jornalístico. Mas foi possível perceber com esta dissertação que, apesar de a tradução não passar de um passo intermédio ou de uma espécie de instrumento, sem ela os jornalistas seriam-lhes difícil entender o conteúdo e as informações, contidas nas notícias internacionais que recebem nas redações dos jornais para os quais trabalham, e elaborar a nova notícia – quando é, de facto, elaborada uma nova notícia. Tendem a encaram como um insulto o reconhecimento da tradução como parte integrante do processo de produção de uma notícia e a necessidade de ter um tradutor presente, como se de desvalorizar o seu trabalho se tratasse. O conhecimento em línguas que lhes é requisitado como jornalistas profissionais justifica a ausência de um tradutor na redação e a sua capacidade para traduzir, caso seja necessário. Quando “aceitam” o tradutor como um colega, o texto traduzido é revisto e adaptado antes de ser publicado.

A outra questão é a da ausência de investigação dos factos noticiados por outros meios de comunicação. É perceptível que existe, no que toca às notícias internacionais, uma reprodução do trabalho dos outros. Não é feita, regra geral, investigação ou confirmação dos factos relatados na notícia e aplica-se o critério de credibilidade da fonte, neste caso do jornal ou agência que

veiculou a informação primeiro. Assiste-se assim a uma escassez de heterogeneidade nos meios de comunicação, pois os jornalistas não primam pela diversidade noticiosa. O leitor tem ao seu dispor a mesma versão, em diferentes jornais, da mesma notícia.

Como licenciada em línguas e tradução, sou da opinião, tal como a Mariana Passos e Sousa, tradutora estagiária no *Courrier International* e uma das entrevistadas para este trabalho, que integrar tradutores nas redações dos jornais só beneficiaria os meios de comunicação. Durante a realização das entrevistas, e a posterior análise, percebi que os jornalistas não têm ideia do trabalho de um tradutor e dos conhecimentos exigidos para trabalhar com tradução. Fazer tradução é muito mais do que transferir palavras e frases de uma língua para outra. É transpor significados e adaptá-los à língua e cultura de chegada. Concordo que o trabalho jornalístico tem as suas regras e as suas rotinas e que são necessários determinados conhecimentos, daí considerar que um profissional não substitui o outro. Ambos se complementam. Outra opção seria formar os jornalistas em tradução ou os tradutores em jornalismo e, aí sim, apenas um poderia fazer o trabalho exigido.

Terminado este trabalho de investigação é possível reconhecer o que faltou e quais as limitações metodológicas. O tema da dissertação, atual e pouco estudado, dificultou a procura de bibliografia de referência e a organização e escolha dos capítulos do enquadramento teórico. Relativamente ao instrumento de recolha, a realização das entrevistas, a localização geográfica dos participantes e o fator tempo não permitiram que as entrevistas fossem presenciais como era o intuito inicial. Este aspeto não proporcionou o confronto de ideias e a colocação de outras questões ao longo da conversa ou mesmo o esclarecimento de alguma dúvida, que veio prejudicar e empobrecer o conteúdo de algumas entrevistas. Outra limitação encontrada é a amostragem, que devido ao seu reduzido número não deixa muita margem para se retirarem conclusões.

Ficam ainda muitas questões por responder e acredito que existem muitas perspetivas por visitar e outras metas a atingir. Como sugestões de investigação futuras, penso que seria interessante compreender a dinâmica e a rotina das secções internacionais de alguns jornais portugueses, através da observação direta, ou o estudo da relação entre as agências de notícias internacionais e os jornais portugueses. Outra sugestão seria fazer uma análise comparativa entre as notícias originais em língua estrangeira e a notícia adaptada para português, com o objectivo de destacar

as diferenças, na forma e no conteúdo, entre ambas e compreender quais as escolhas linguísticas feitas pelo jornalista ou tradutor e os critérios tidos em conta.

Com a escolha deste tema e a elaboração desta dissertação quis mostrar a importância da tradução nos dias de hoje no meio jornalístico. Em parte, penso que o objetivo foi cumprido. Espero que os meus passos tenham aberto uma porta e novas vontades de trabalhar sobre o papel da tradução no mundo dos *media*.

7. Bibliografia

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*, Lisboa: Edições 70, Lda.

Bielsa, E., & Bassnett, S. (2009). *Translation in Global News*. [http://books.google.pt/books?id=ZVucf98FmjQC&printsec=frontcover&dq=bielsa&hl=pt-PT&sa=X&ei=3hPyT7HmlsKlhQelutiJDQ&ved=0CDgQ6AEwAA#v=onepage&q=bielsa&f=false, acedido em 10/06/2012].

Cardoso, G. *et alii* (2009). *Da comunicação de massa à comunicação em rede*, Porto: Porto Editora.

Correia, F. (1997). *Os jornalistas e as notícias*, Lisboa: Editorial Caminho, SA.

Fernandes, A.J. (1995). *Métodos e regras para elaboração de trabalhos académicos e científicos*, Porto: Porto Editora.

Fidalgo, J. (2005). *Novos desafios a um velho ofício ou... um novo ofício? A redefinição da profissão de jornalista*. Texto elaborado no contexto do projecto colectivo de investigação *Mediascópio – Estudo sobre a reconfiguração do campo da comunicação e dos media em Portugal*, [http://hdl.handle.net/1822/7448, acedido em 13/11/2013]

Fontcuberta, M. de (1999). *A notícia – Pistas para compreender o mundo*, Lisboa: Editorial Notícias.

Gans, H.J. (2004). *Deciding what's news: A Study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek, and Time*, [http://books.google.pt/books?id=bWpFtVJIADOC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false, acedido em 05/05/2014]

Gomes, R.M. (2009). *A importância da Internet para os jornalistas e fontes*, Lisboa: Livros Horizonte.

Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo- sentidos e formas de uso*, Cascais: Príncipia Editora Lda.

Guimarães, A.M. *et alii* (2012). *Jornalismo em evolução*. Trabalho apresentado no III Seminário de I&DT, organizado pelo C3i – Centro Interdisciplinar de Investigação e inovação do Instituto Politécnico de Portalegre, Dezembro de 2012.

Keller, B. (2007). *Translation and Journalism*, [Online] The New York Times. [<http://readingroom.blogs.nytimes.com/2007/10/31/translation-and-journalism/>], acessido 29/06/2012]

Magalhães, M.V. (1979). *Produção e difusão da notícia*, São Paulo: Atlas.

McNair, B. (1998). *The sociology of journalism*, London: Arnold.

Pinto, M. (1999). *Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo*. Comunicação apresentada no III Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação da Universidade do Minho, Braga, Outubro de 1999.

McQuail, D. (2003). *Teoria de comunicação de massas*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Neveu, E. (2005). *Sociologia do Jornalismo*, Porto: Porto Editora, Lda.

Polchlopek, S.A. (2005). *A interface tradução-jornalismo: um estudo de condicionantes culturais e dos verbos auxiliares modais em textos comparáveis das revistas Veja e Time*. Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, 25 de Novembro de 2005.

Portela, J.G.F. (1978). *As técnicas vivas na investigação sociológica*. Instituto Politécnico de Vila Real.

Queirós, E. de. (1967). *Da colaboração no Destrato de Évora I*, Lisboa: Livros do Brasil.

Schudson, M. (2003). *The sociology of news*, New York: W. W. Norton & Company.

Seabra, R. (S/D). “Produção da notícia: a redacção e o jornalista”, *Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e prática*, Jorge Duarte (Org.), São Paulo: Atlas.

Soares, F.A.L.F. (2012) “*Jornalismo de secretária*”: *Reproduzir as notícias dos outros – O caso dos media internacionais*. Relatório de estágio de mestrado em Ciências da Comunicação (área de especialização em Informação e Jornalismo) da Universidade do Minho, Braga, Outubro de 2012.

Tuchman, G. (1983). *La producción de la noticia. Estudio sobre la construcción de la realidad*. Barcelona: Gili.

Wolf, M. (1987). *Teorias da Comunicação*, Lisboa: Editorial Presença, Lda.

Zipser, M. E. *et alii* (2009). “A interface tradução-jornalismo: uma nova experiência em tradução”, *Eletras*, vol. 18, n° 18.

8. Anexos

Anexo 1: Guião para as entrevistas

1. Como é feita a seleção das notícias que merecem ser traduzidas e emitidas ao público? Quais os critérios de escolha?
2. É verdade que a tradução tem um papel no processo de produção de uma notícia? Em que fase?
3. Até que ponto são investigados e confirmados os acontecimentos comunicados na notícia original? É possível ao jornalista proceder ao contacto com as fontes?
4. Quem é responsável pela tradução da notícia? O jornalista ou um tradutor contratado pelo órgão de comunicação?
5. Considera que é possível a um jornalista traduzir de forma adequada uma notícia sem a interação com um tradutor profissional e especializado? E o contrário, ser um tradutor a traduzir uma notícia sem ajuda de um jornalista?
6. Como vê um tradutor no meio jornalístico? Como acha que é visto um tradutor pelos jornalistas?

Anexo 2: Transcrição das entrevistas - jornalistas

Alison Roberts – Lusa News

1. Como é feita a seleção das notícias que merecem ser traduzidas e emitidas ao público?
Quais os critérios de escolha?

Não seleciono notícias para traduzir pois esse não é meu papel como correspondente.

2. É verdade que a tradução tem um papel no processo de produção de uma notícia? Em que fase?

Como correspondente, tenho que absorver muita informação na língua do país onde trabalho. Posso traduzir as palavras de um político ou outra figura ditas em público, ou um trecho de um relatório, ou de um comunicado de imprensa emitido por uma empresa, por exemplo. Mas não traduzo o jornalismo dos outros.

3. Até que ponto são investigados e confirmados os acontecimentos comunicados na notícia original? É possível ao jornalista proceder ao contacto com as fontes?

Não produzo notícias baseadas em rumores, a não ser que a notícia em si é a existência de rumores e o facto de eles estarem a ser espalhados no país. Mas isso é um caso excepcional, evidentemente.

4. Quem é responsável pela tradução da notícia? O jornalista ou um tradutor contratado pelo órgão de comunicação?

Nenhum órgão para o qual trabalhei até agora traduzia notícias de outros órgãos como notícias do próprio. No caso de um órgão (e.g. um jornal) utilizar informação fornecida por agências de

notícias como Reuters, são os jornalistas do órgão que produziriam o próprio trabalho, apoiando-se nessas informações. Se uma agência é a única fonte, a regra seria de dizer isso. Se duas ou mais agências têm a mesma informação, não seria preciso. No caso de um órgão de língua inglesa, evidentemente que não haveria necessidade de fazer tradução. Mas nenhum jornal que eu conheça tem tradutores. A BBC é uma exceção, tendo não só serviços (de rádio, televisão e online) em múltiplas línguas, que podem ser utilizados por outros serviços da BBC, mas também um braço chamada BBC Monitoring. Esta entidade (que também fornece os seus serviços a entidades alheias, numa base comercial) monitoriza emissoras estrangeiras nas línguas originais, e produz resumos traduzidos só de partes particularmente relevantes dessas emissões. Mas esses resumos não são notícias. Os jornalistas da BBC podem ou não apoiar-se nesses resumos, principalmente para tomar conhecimento de um acontecimento. Só utilizaria essa informação diretamente numa notícia se a emissora em questão fosse o canal oficial de um regime, e assim representasse um comunicado oficial. Mas na prática, a maior parte dos jornalistas da BBC não só nunca utilizaram a BBC Monitoring como provavelmente nem sabe que existe...

5. Considera que é possível a um jornalista traduzir de forma adequada uma notícia sem a interação com um tradutor profissional e especializado? E o contrário, ser um tradutor a traduzir uma notícia sem ajuda de um jornalista?

Nunca ouvi falar de um jornalista traduzir uma notícia palavra por palavra para produzir uma notícia. Seria lamentável se fosse assim. (A questão de artigos sindicados – ou seja vendidos pela órgão que os publicou para outros órgãos, já traduzidos ou para licença para traduzir – é outra, mas esses não seriam notícias, mas sim colunas de opinião, análises, etc.) Mas quanto à questão de se um jornalista que leia uma notícia, por exemplo de uma agência de língua estrangeira, entende tudo no artigo, penso que deve haver não poucos casos em que, na verdade, não entende (sobretudo se for num jornal estrangeiro, onde o factor cultura entra mais, enquanto com as agências o estilo é bastante direto e simples). Aqui penso que o trabalho da Catarina pode ter algum foco interessante. Mas esse problema soluciona-se, jornalistas que entendem realmente bem a língua em questão e directores que sabem da importância disso, e não metendo um tradutor na história. Duvido que um tradutor conseguisse ajudar, em tempo útil, os jornalistas a produzir os seus textos. Na área de notícias (e aqui estamos a falar de

notícias) não há tempo para trabalhar no ritmo que um tradutor estaria acostumado a trabalhar, e se trabalhasse no ritmo preciso já não estaria a fazer tradução, mas sim resumo, quando na verdade o que é preciso é entender a informação para utilizá-la, não para reproduzi-la. Para não falar da questão de como poderia ser economicamente viável ter tradutores como parte de uma redação, quando tantos órgãos mal conseguem pagar jornalistas suficientes...

6. Como vê um tradutor no meio jornalístico? Como acha que é visto um tradutor pelos jornalistas?

Não vejo como pudesse ser normal ter tradutores a trabalhar com jornalistas, numa redação, pelos motivos explicados. Como alguém que faz as duas coisas para ganhar a vida, vejo os como bastante distintas. O único papel que eu consigo ver ser normal para um tradutor, seria traduzindo artigos sindicados do estrangeiro para publicação no órgão. Mas aí nem sequer seria preciso trabalhar na redação para fazer o trabalho, nem ter contacto com os jornalistas.

- 1. Como é feita a seleção das notícias que merecem ser traduzidas e emitidas ao público? Quais os critérios de escolha?**

A seleção das notícias tem por principal critério a atualidade e a pertinência, o que inclui avaliar se a órbita política é próxima de Portugal ou da Europa, a “nossa” região. Depois vem a qualidade e o ajustamento à realidade da edição a que se destina: se há pouco espaço não se pode escolher um artigo gigante.

- 2. É verdade que a tradução tem um papel no processo de produção de uma notícia? Em que fase?**

Sim. Dependendo da língua, ela pode até chegar a permitir a sua compreensão. Mas a verdade é que falar línguas estrangeiras faz parte da nossa profissão. Daí que, na maior parte das vezes, a tradução é aplicada em artigos escritos por correspondentes estrangeiros. Ou na compra de artigos a agências.

- 3. Até que ponto são investigados e confirmados os acontecimentos comunicados na notícia original? É possível ao jornalista proceder ao contacto com as fontes?**

Depende da complexidade dos assuntos, se estão a ser abordados pela primeira vez ou em fase de follow-up... Recorremos a vários métodos: confrontar a notícia com outros media, comparar a forma como a notícia é dada pelas agências noticiosas ou órgãos de comunicação social, TV e Internet incluídas, ligar a peritos com quem falamos normalmente para tentar interpretar os dados... Muitas vezes também falamos com as fontes, como é óbvio. Como trabalho na Política Internacional, normalmente recorro a contactos mediados, seja por embaixadas seja por institutos de estudos políticos ou sociais, ONG, agências internacionais como a ONU, que tem sempre peritos disponíveis para falar com os jornalistas.

4. Quem é responsável pela tradução da notícia? O jornalista ou um tradutor contratado pelo órgão de comunicação?

Ambos, depende dos casos. Eu nunca recorro a tradutores a não ser com uma dúvida muito persistente, mas mando traduzir textos de correspondentes.

5. Considera que é possível a um jornalista traduzir de forma adequada uma notícia sem a interação com um tradutor profissional e especializado? E o contrário, ser um tradutor a traduzir uma notícia sem ajuda de um jornalista?

Claro que ambas são possíveis. Mas a última palavra cabe ao jornalista porque nós é que somos os especialistas nas matérias que publicamos e temos mais prática do modo como as expressões são usadas nas diferentes áreas.

6. Como vê um tradutor no meio jornalístico? Como acha que é visto um tradutor pelos jornalistas?

O tradutor é um recurso útil, nem sempre essencial.

1. **Como é feita a seleção das notícias que merecem ser traduzidas e emitidas ao público? Quais os critérios de escolha?**

Primeiro que tudo, não fazemos tradução de notícias. O que fazemos é ler fontes de informação em várias línguas e usar a informação recolhida para a elaboração das notícias. Os critérios são a diversidade de informação e a fiabilidade das fontes de informação. A escolha obedece à relevância da notícia e aos critérios editoriais do jornal. No caso presente, por exemplo, é impossível ignorar o que se passa na Ucrânia mas um tiroteio sangrento numa escola dos EUA teria prioridade sobre uma notícia de seguimento da instabilidade na Ucrânia, desde que no país nada tivesse acontecido de especialmente relevante.

2. **É verdade que a tradução tem um papel no processo de produção de uma notícia? Em que fase?**

Como referi antes, a tradução não é publicada porque não fazemos traduções de notícias. A tradução é feita por quem elabora a notícia, mas é a tradução de um leitor, não de um tradutor. A única coisa realmente traduzida são as citações, ou vivos, de personalidades que sejam escolhidas para inserir no texto da notícia.

3. **Até que ponto são investigados e confirmados os acontecimentos comunicados na notícia original? É possível ao jornalista proceder ao contacto com as fontes?**

A primeira forma de ‘confirmação’ é o cruzamento de fontes informativas. O contacto com as fontes, no caso do noticiário internacional, é frequentemente impossível ou inviável. Uma vez por falta de tempo, outras por falta de meios e outras vezes porque esse contacto, ainda que possível, não acrescentaria nada de relevante à informação.

4. **Quem é responsável pela tradução da notícia? O jornalista ou um tradutor contratado pelo órgão de comunicação?**

Penso que já respondi: não traduzimos notícias. Usamos fontes informativas o mais diversificadas possível para recolher a informação relevante.

5. Considera que é possível a um jornalista traduzir de forma adequada uma notícia sem a interação com um tradutor profissional e especializado? E o contrário, ser um tradutor a traduzir uma notícia sem ajuda de um jornalista?

Penso que já respondi. Mas, presumindo que eram publicadas traduções de notícias, no meu caso isso seria fácil pois sou, profissionalmente, tradutor e jornalista.

6. Como vê um tradutor no meio jornalístico? Como acha que é visto um tradutor pelos jornalistas?

Não penso, pelo que já disse, que a questão seja relevante. Um tradutor só é útil em redações onde se publica textos efetivamente traduzidos de outras publicações, como é, ocasionalmente, o caso do 'Público' e do 'Diário de Notícias'. Aqui, na secção onde trabalho, pelo menos, não temos esse tipo de colaboração, ou de compra, de notícias, ou crónicas, elaboradas noutras línguas e publicadas noutros órgãos de comunicação social.

1. **Como é feita a seleção das notícias que merecem ser traduzidas e emitidas ao público? Quais os critérios de escolha?**

Os critérios são jornalísticos: atualidade, interesse, originalidade, profundidade do tratamento do tema, etc.

2. **É verdade que a tradução tem um papel no processo de produção de uma notícia? Em que fase?**

No caso do Courrier International, não, uma vez que se trata utilizar artigos que já foram publicados na imprensa internacional. Na produção de uma notícia, em princípio, também não. Um jornalista que acompanhe a actualidade internacional utiliza sobretudo fontes em língua estrangeira: seja os tradicionais despachos de agências noticiosas, sejam revistas ou jornais ou mesmo noticiários televisivos de outros países. É a partir destas fontes que vai construir o seu próprio artigo. No caso de notícias muito pequenas, as denominadas “Breves”, frequentemente é traduzido e adaptado para português o original estrangeiro. Convém não esquecer que as breves têm em média um parágrafo, 600-700 caracteres incluindo espaços).

3. **Até que ponto são investigados e confirmados os acontecimentos comunicados na notícia original? É possível ao jornalista proceder ao contacto com as fontes?**

É sempre possível e desejável o contacto com fontes. Além disso, e no caso do acompanhamento da actualidade internacional, há também aquilo que se chama “crítica das fontes”. Isto é, os jornalistas têm que “filtrar” as suas próprias fontes noticiosas. Como exemplo: se agência Reuters fala de 20 a 30 mortos em confrontos no Burkina Faso enquanto um site ou mesmo uma agência noticiosa local e próxima do Governo fala em 200, prefiro citar a Reuters em mortos. Mas também refiro o facto que o tal jornal do governo fala em 10 vezes mais.

Outro exemplo: se se tratar de um estudo de uma organização internacional, o jornalista poderá entrar contacto com essa organização para ter mais esclarecimentos ou aprofundar os dados

brutos que são divulgados no estudo. Poderia encontrar mais uma boa meia dúzia de exemplos, dependendo do assunto em causa.

Apesar de não perceber o que entende por “notícia original”, espero ter contribuído com alguns esclarecimentos sobre a questão.

4. Quem é responsável pela tradução da notícia? O jornalista ou um tradutor contratado pelo órgão de comunicação?

Depende da dimensão e da urgência do texto. Uma coisa é certa, ao jornalista compete rever a tradução do artigo traduzido, de modo a adequá-lo à linguagem jornalística e expurgá-lo de eventuais erros ou omissões que possam surgir. Como já referi, traduzir um telex é diferente de traduzir um artigo extenso. Normalmente, a tradução de um “feature”, (artigo de fundo destinado a ser publicado em vários jornais) é entregue a tradutores. Não dispensando uma revisão posterior.

5. Considera que é possível a um jornalista traduzir de forma adequada uma notícia sem a interação com um tradutor profissional e especializado? E o contrário, ser um tradutor a traduzir uma notícia sem ajuda de um jornalista?

Claro que sim. As duas situações são possíveis, embora a segunda seja menos verdadeira. Ou melhor, ao longo de mais de 20 anos de profissão em que muitas vezes tive que encomendar traduções, foram muito poucas as que não tiveram que levar qualquer tipo de correção.

6. Como vê um tradutor no meio jornalístico? Como acha que é visto um tradutor pelos jornalistas?

Como um prestador de serviços. Muitos tradutores que conheço tornaram-se jornalistas e muitos jornalistas enveredaram pela tradução.

**1. Como é feita a seleção das notícias que merecem ser traduzidas e emitidas ao público?
Quais os critérios de escolha?**

Primeiro, um esclarecimento necessário: Na secção Mundo do Correio da Manhã não traduzimos notícias. Elaboramos as nossas notícias com base na análise de várias fontes, nomeadamente, agências noticiosas (Reuters e Lusa) e sites de referência (El Mundo, El País, BBC News, Le Monde, etc). Ou seja, recolhemos o máximo de informação possível sobre um determinado tema, em várias das fontes mencionadas, e depois elaboramos textos próprios com base na informação recolhida. Quanto aos critérios, têm a ver com a importância da notícia, o nosso público-alvo e a proximidade (Espanha, Brasil e Palops's têm certa prioridade), mas o critério essencial, dada o espaço limitado da secção no papel (normalmente são 2 páginas diárias), tem a ver com a relevância da notícia no contexto diário (o que está a ser notícia no mundo).

2. É verdade que a tradução tem um papel no processo de produção de uma notícia? Em que fase?

No nosso caso, não. Há jornais que comprem artigos a agências estrangeiras e depois limitam-se a traduzi-los e publicar. As notícias do Correio da manhã têm sempre um elemento humano, são escritas de raiz com base em várias fontes, muitas delas estrangeiras. Não sei se me faço entender: nós não traduzimos (no sentido de transposição do está escrito para a nossa língua, copiando frases, parágrafos ou textos inteiros). Nós lemos o que está escrito numa língua estrangeira, mas as frases, parágrafos e artigos são totalmente nossos, não resultam de uma tradução factual.

3. Até que ponto são investigados e confirmados os acontecimentos comunicados na notícia original? É possível ao jornalista proceder ao contacto com as fontes?

Na maior parte dos casos, as notícias provêm de fontes suficientemente fidedignas, como agências de notícias internacionais. Normalmente, para escrever sobre um tema, consultamos várias dessas fontes e só escrevemos quando a informação é veiculada por mais do que uma. Em caso de dúvida, é sempre possível - mas nem sempre prático - contactar diretamente, não as fontes (agências), mas os protagonistas da notícia, no caso de serem acessíveis.

4. Quem é responsável pela tradução da notícia? O jornalista ou um tradutor contratado pelo órgão de comunicação?

Como não usamos artigos traduzidos, essa pergunta não se aplica.

5. Considera que é possível a um jornalista traduzir de forma adequada uma notícia sem a interação com um tradutor profissional e especializado? E o contrário, ser um tradutor a traduzir uma notícia sem ajuda de um jornalista?

Julgo que um jornalista saberá mais de assuntos especializados (temas da atualidade internacional, por exemplo) que um tradutor. Além de que é um requisito essencial para trabalhar como jornalista dominar (e não 'arranhar') uma ou mais línguas estrangeiras.

6. Como vê um tradutor no meio jornalístico? Como acha que é visto um tradutor pelos jornalistas?

Não vejo qual a necessidade de ter tradutores no meio jornalístico, a não ser quando é preciso traduzir artigos que estejam em línguas, digamos, menos comuns, como o russo, chinês ou holandês.

1. Como é feita a seleção das notícias que merecem ser traduzidas e emitidas ao público?

Quais os critérios de escolha?

Nós temos duas modalidades diferentes. Nós temos traduções diretas de trabalhos que não são nossos. O Público tem vários acordos de publicação com uma espécie de uma agência internacional, para o qual o Público também contribui. É uma espécie de uma bolsa de trabalhos de vários jornais de todo o mundo, que se chama Project Syndicate, para o qual são enviadas notícias que podem ser utilizadas por outros jornais mediante um determinado número de condições, sendo uma delas, que a notícia não seja publicada no mesmo dia que no jornal original. Este serviço é um serviço pago e os créditos são atribuídos a essa agência. Muitas vezes aparece um texto assinado com o nome estrangeiro, seguido de “exclusivo Público-El País”. Ou seja, esses textos são traduzidos diretamente, não há nenhuma intervenção jornalística nossa sobre esses textos. O Jornal Público trabalha com tradutores, com pessoas que têm certificação em tradução, não somos nós que fazemos essas traduções. Já aconteceu ter de fazer traduções no nosso dia a dia, sobretudo agora que temos a pressão mais imediata da edição online. Os jornalistas fazem muitas vezes traduções de notícias das agências que são assinadas pelas agências. Há notícias que aparecem assinadas, por exemplo, “Reuters”, ou em conjunto, por exemplo “Público-Reuters”. Sempre que aparece a assinatura do Público, isso significa que houve uma intervenção, além do que aquilo que está escrito nas agências, houve intervenção do jornalista naquele texto. Ou seja, houve uma intervenção de um jornalista da casa, não é uma mera tradução daquilo que está nas agências. No caso de não haver a assinatura do Público, significa que há uma tradução literal do texto, sem qualquer modificação feita pelo jornalista. Quem faz a seleção é o editor, segundo os critérios de noticiabilidade do órgão de comunicação.

2. É verdade que a tradução tem um papel no processo de produção de uma notícia? Em que fase?

No nosso caso, a tradução pode não se refletir no trabalho final, mas pode ser um processo ou passo intermédio. Ou seja, existe uma tradução do que eu leio, das informações, mas muitas

vezes o papel da tradução é ter acesso a discurso direto de intervenientes que estão no terreno noutras línguas. Nesse caso, todo o trabalho e tudo aquilo que aparece citado, é uma tradução daquilo que eu tenho acesso.

3. Até que ponto são investigados e confirmados os acontecimentos comunicados na notícia original? É possível ao jornalista proceder ao contacto com as fontes?

Em muitos casos nós tentamos, quando são fontes oficiais, falar diretamente com elas. Quando são, por exemplo, informações partilhadas nas redes sociais de outros jornalistas de outras cadeias, em princípio, aplica-se um critério de credibilidade da fonte, pois a credibilidade da informação é garantida pelo órgão de comunicação para o qual esse jornalista trabalha. Noutros casos, normalmente quando nós recorremos à tradução, quase sempre nesses casos de citações, estamos a trabalhar com agências, não é preciso estar a investigar.

4. Quem é responsável pela tradução da notícia? O jornalista ou um tradutor contratado pelo órgão de comunicação?

Nos casos do Project Syndicate, é um tradutor contractado. Nos casos das notícias vindas diretamente das agências para o site, somos nós.

5. Considera que é possível a um jornalista traduzir de forma adequada uma notícia sem a interação com um tradutor profissional e especializado? E o contrário, ser um tradutor a traduzir uma notícia sem ajuda de um jornalista?

Sim.

6. Como vê um tradutor no meio jornalístico? Como acha que é visto um tradutor pelos jornalistas?

Em alguns casos como um colega de trabalho. Nos casos em que os jornalistas estão a trabalhar em organismos internacionais, em que há tradução simultânea obrigatória, muitas

vezes os tradutores acabam por ser imprescindíveis, como uma espécie de moleta. Mas nas redações não há um tradutor a tempo inteiro.

1. **Como é feita a seleção das notícias que merecem ser traduzidas e emitidas ao público? Quais os critérios de escolha?**

The LusaNews service covered Portugal and other Lusophone countries, especially East Timor and in Africa. The Editor in Chief established the general editorial framework for the service (major political, economic, social, sports news), leaving me with wide autonomy in the daily selection of stories. Much of what I did was synthesizing two or more Portuguese stories into one tight English piece.

2. **É verdade que a tradução tem um papel no processo de produção de uma notícia? Em que fase?**

In my experience, translation has been an important factor almost exclusively when quoting directly, quoting persons or documents.

3. **Até que ponto são investigados e confirmados os acontecimentos comunicados na notícia original? É possível ao jornalista proceder ao contacto com as fontes.**

At Lusa, if I had doubts about a Portuguese story I planned to use, I would ask the appropriate desk (Política, Economia, Desporto, Cultura, África, etc...) to clarify the issue for me. I had no contact with the story's protagonists. I would seek out the desk and/or journalist who produced the original piece.

4. **Quem é responsável pela tradução da notícia? O jornalista ou um tradutor contratado pelo órgão de comunicação?**

In my case, at Lusa, I was contracted both for my journalistic and linguistic skills. I don't believe the agency had any official translators. The function, when needed, was carried out by journalists.

5. Considera que é possível a um jornalista traduzir de forma adequada uma notícia sem a interação com um tradutor profissional e especializado? E o contrário, ser um tradutor a traduzir uma notícia sem ajuda de um jornalista?

The knowledge of journalistic practice and techniques is the fundamental matter, in my opinion.

6. Como vê um tradutor no meio jornalístico? Como acha que é visto um tradutor pelos jornalistas?

Within the news room, I think the the function of "translating" is generally viewed as subaltern (and much less interesting) to that of reporting and/or writing original material. However, at Lusa the so-called "translators" on the international desk, where there was much use of foreign news agency material, were all journalists by training and profession.

Anexo 3: Transcrição das entrevistas – tradutores

Fernando Ferreira Alves – professor de tradução e tradutor profissional

1. Como é feita a seleção das notícias que merecem ser traduzidas e emitidas ao público? Quais os critérios de escolha?

Eu como não trabalho diretamente com meios de comunicação ou jornais, trabalho com intermediários, isto é, trabalho com pessoas que depois fazem a gestão dos conteúdos para jornais, revistas, rádio e para televisão, de maneira que o que acabo por receber é o que eles consideram que é importante. A seleção já foi feita. Eu recebo apenas a encomenda como tradutor.

2. É verdade que a tradução tem um papel no processo de produção de uma notícia? Em que fase?

Em muitos casos, pedem-me traduções na fase de preparação e redação da notícia e muitas vezes são textos que circulam de outras línguas e que o jornalista apenas precisa de ter um intermediário para perceber o essencial e o conteúdo da notícia. Noutros casos mais especializados, a tradução ocorre não antes, mas no próprio processo de produção, em que em muitos casos há o acompanhamento do próprio órgão de comunicação e um controlo da intervenção do tradutor na notícia.

3. Até que ponto são investigados e confirmados os acontecimentos comunicados na notícia original? É possível ao jornalista proceder ao contacto com as fontes?

Contacto com as fontes, não tenho. Até porque é filtrado precisamente pelo facto da tradução ser subcontratada, mas, em muitos casos, em termos de conteúdos e de veracidade e fiabilidade das fontes ou do que é transmitido na notícia, eu procuro sempre documentar-me o

mais possível, eventualmente não com as fontes, mas com colegas que tenham algum trabalho nessa área que me possam assegurar alguma qualidade.

4. Quem é responsável pela tradução da notícia? O jornalista ou um tradutor contratado pelo órgão de comunicação?

Na altura trabalhei com alguns profissionais da Lusa e eles optam por traduzir diretamente, porque têm competências de tradução e de língua, competências de redação e sabem construir uma notícia, coisa que às vezes os tradutores não sabem. Portanto preferem ir diretamente à fonte e fazer a tradução. Conheço outros casos de órgãos de comunicação social em que, quando o tema de jornalismo é demasiado específico, contratam tradutores especializados. Embora tenha uma cunha da notícia que é trabalhado pelo jornalista, muitas traduções são feitas em regime de *outsourcing*, onde são contratadas pessoas especialistas na área, sobretudo em áreas técnicas. Estou-me a lembrar do Público e do Expresso, em que têm cadernos temáticos muitos específicos, em termos de economia, ciências e tecnologia, e que vão buscar especialistas ou tradutores com conhecimento na língua ou na terminologia especializada.

5. Considera que é possível a um jornalista traduzir de forma adequada uma notícia sem a interação com um tradutor profissional e especializado? E o contrário, ser um tradutor a traduzir uma notícia sem ajuda de um jornalista?

É uma questão curiosa, porque o jornalista tem o conhecimento do público-alvo, que é uma coisa importante em tradução, sabe os mecanismos de produção da notícia e sabe como dosear os condimentos, digamos assim. Falta, nalguns casos, o conhecimento da língua e falta uma coisa essencial que é os conhecimentos e competências de tradução. Às vezes em termos de investigação, em questões de terminologia, textos paralelos e documentação. O contrário também é válido. Muitos tradutores como não sabem preparar uma notícia, às vezes, esquecem-se do essencial e acabam por fazer uma tradução que não é a mais correta e que muitas vezes é criticada pelos próprios jornalistas, porque não é *tailor-made*, não é formatada para aquele público-alvo.

6. Como vê um tradutor no meio jornalístico? Como acha que é visto um tradutor pelos jornalistas?

Eu acho que é sempre visto como um *outsider*. Não é uma ameaça, porque até nem chega sê-lo, mas devido à invisibilidade da profissão e à falta de regulamentação profissional, não há muito essa articulação entre um e outro. Portanto, às vezes podemos estar a falar em questões de território. É um território que é ocupado por uma classe profissional, que se sente “ameaçada” ou pelo menos com algum contacto com outra atividade profissional que tem competências, mas que não as consegue demonstrar e transmitir eficazmente. Como há essa exposição da tradução, muitas vezes a tradução é mal vista e já peca por defeito logo à partida. É por isso que muitos dos jornalistas estão já de pé atrás, como se diz, em relação a um eventual tradutor. Não esquecendo a questão dos custos, que para uma redação são grandes, e quando vamos pesar os prós e os contras é óbvio que é algo que vai pesar na balança e na decisão. Eu na altura tive a oportunidade de estagiar num órgão de comunicação social e precisamente havia essa especialização no sentido de criar um tradutor que ajudasse, mas a certa altura essa figura esvazia-se, sobretudo num mundo cada vez mais globalizado, onde as notícias veem quase todas digeridas e são muito formatadas.

**1. Como é feita a seleção das notícias que merecem ser traduzidas e emitidas ao público?
Quais os critérios de escolha?**

No Courier Internacional, tendo em conta que são traduzidos textos previamente selecionados pela publicação francesa, julgo que a seleção será feita pelos editores de lá. Em Portugal, a partir desse leque de artigos, os responsáveis portugueses pela revista farão uma seleção, e incluirão alguns textos que não foram publicados pelo Courier International francês. Como eu apenas traduzo os artigos, não sei dizer ao certo qual o critério de escolha. Mas, em todas as edições da revista, estão lá os critérios editoriais. Será por estes que se rege a revista.

2. É verdade que a tradução tem um papel no processo de produção de uma notícia? Em que fase?

É preciso pensar, em primeiro lugar, de que tipo de notícia estamos a falar. Se estamos a falar de uma notícia produzida no contexto de uma agência noticiosa, a tradução e a escrita da notícia são dois processos praticamente simultâneos. Nesse contexto, o tradutor e o jornalista são essencialmente a mesma pessoa, e se o tradutor-jornalista não é jornalista de formação, rapidamente adquire essa formação pela prática. Se estamos a falar de uma notícia produzida num contexto de redação por um jornalista, e isto tendo em conta que em Portugal praticamente não existem tradutores nas redações, também encontramos um processo de simultaneidade entre tradução e escrita jornalística. No caso do Courier, eu diria que não se produzem notícias, do ponto de vista da tradução, porque não só os géneros que são traduzidos correspondem mais a géneros interpretativos e opinativos do que informativos (não se traduzem notícias informativas puras, mas sim reportagens e artigos de opinião, cujo ângulo de abordagem é um pouco diferente), como também eu acho que o tradutor não tem essa função. O mais que acontece, e isto faz parte do trabalho do tradutor que trabalha na área do jornalismo, é haver adaptação de alguns termos e conceitos, para que o leitor possa entender o contexto da notícia. Isto pode tomar a forma de notas de tradução, a tradução de nomes (de pessoas, de lugares, etc...), ou até mesmo a transposição de expressões idiomáticas e apontamentos estilísticos para um

equivalente português. Se, com estas adaptações, podemos falar de produzir uma notícia, não sei. Mas certamente que se está a traduzir.

3. Até que ponto são investigados e confirmados os acontecimentos comunicados na notícia original? É possível ao jornalista proceder ao contacto com as fontes?

As rotinas de trabalho de um jornalista e de um tradutor são substancialmente diferentes, e a questão colocada aqui, tal como as questões seguintes, são relativas ao trabalho do jornalista e não do tradutor. O contacto que o tradutor manteria, em contexto profissional e equivalente, seria com o seu cliente que, neste caso, até poderia ser o jornalista. No caso de um texto do *Courier*, não me parece que faça muito sentido estar a entrar em contacto com o jornalista que escreveu o texto que estou a traduzir. No entanto, e considerando que na minha opinião, o tradutor pode e deve estar presente na redação, eu trabalho com o editor da revista como se fosse jornalista. Ou seja, quando tenho dúvidas, falo com ele. Ao mesmo tempo, acabo a fazer pesquisa tal e qual como se fosse jornalista, para poder enquadrar o contexto da notícia na tradução, porque esta não é apenas um fenómeno linguístico. Mas não faz parte do trabalho do tradutor sair para a rua e fazer entrevistas, por exemplo.

4. Quem é responsável pela tradução da notícia? O jornalista ou um tradutor contratado pelo órgão de comunicação?

No caso do *Courier Internacional*, a tradução é da responsabilidade do tradutor. O texto é posteriormente editado pelo Editor-Executivo, que revê todos os textos e tenta, nas suas palavras, dar-lhes um toque 'jornalístico'. Eu costumo brincar e dizer que traduzi o texto da língua estrangeira para português e depois para 'jornalês'. Acho que essa é a parte mais complicada do trabalho, porque os tradutores normalmente não estão treinados para as subtilezas da linguagem jornalística. Há, diria eu, até um desencontro entre ambos os profissionais e as suas valências que prejudica, em último caso, os leitores. São trabalhos diferentes, e complementares, e um não substitui o outro. Mas acredito que ambos precisam um do outro, e a pesquisa que tenho efetuado no âmbito da minha tese assim me prova também. Mas podemos argumentar que, por exemplo, numa tradução técnica de engenharia, um tradutor

acabado de chegar à profissão também não está treinado para as subtilezas dessa linguagem técnica e, no entanto, os tradutores fazem desse tipo de trabalho a sua carreira. Com treino e com vontade de integrar tradutores nas secções de internacional, os meios de comunicação só teriam a ganhar.

5. Considera que é possível a um jornalista traduzir de forma adequada uma notícia sem a interação com um tradutor profissional e especializado? E o contrário, ser um tradutor a traduzir uma notícia sem ajuda de um jornalista?

Aqui começa um problema que tenho encontrado ao longo da minha pesquisa, e que no decorrer do estágio que estou a realizar se tem demonstrado fundamental: existe um desconhecimento profundo por parte de quem trabalha nos meios de comunicação social sobre o que faz, afinal de contas, um tradutor. Tenho lido muito sobre jornalistas que, tendo conhecimentos amplos ou não de línguas estrangeiras, falham ao traduzirem informação ou notícias internacionais. Isto porque ainda se acredita que o tradutor só faz traduções literais, e isso não é verdade. Um tradutor, acima de tudo e tal como um jornalista, é um mediador. O jornalista faz a mediação entre um acontecimento e o público, ou seja, transforma esse acontecimento numa ‘estória’ que seja compreensível para um determinado público. Um tradutor é, acima de tudo, um mediador cultural, que transforma um texto que vem num contexto cultural diferente num texto cujo contexto cultural seja compreensível para um determinado público. Tenho visto mais casos de notícias mal traduzidas, e que foram claramente traduzidas por jornalistas, do que notícias mal traduzidas por tradutores especializados na área dos media. A diferença é abismal: linguisticamente, o texto torna-se muito mais legível para um leitor português do que uma tradução literal, e no fundo, é isso que se pretende com qualquer tradução. Já nem falo dos conhecimentos da língua estrangeira. Refiro-me mesmo à adaptação de subtilezas que passam ao lado de um jornalista. Como já disse, são trabalhos com objetivos diferentes, com rotinas de trabalho diferentes, mas que são complementares. Da mesma maneira que não digo que um tradutor substitui um jornalista – porque não substitui –, um jornalista não substitui um tradutor.

6. Como vê um tradutor no meio jornalístico? Como acha que é visto um tradutor pelos jornalistas?

No caso do *Courrier International*, o tradutor é extremamente valorizado e respeitado. Estou a gostar muito do meu estágio, estou a aprender imenso e o facto de o nome do tradutor figurar junto ao nome do autor do texto original na revista diz muito acerca da forma como nesta publicação em particular o trabalho de tradução é visto.

A minha pesquisa leva-me a crer que nas agências noticiosas internacionais, embora se prefiram as valências de jornalista com conhecimentos de línguas estrangeiras, um tradutor trabalha em igualdade de circunstâncias com os jornalistas, estando esses órgãos de informação dispostos até a formar tradutores para trabalhar como jornalistas. Isso não acontece, por exemplo, com a *Lusa*, que abertamente rejeita tradutores na redação. Em geral, a presença de tradutores nas redações dos meios de comunicação nacionais é mal-vista, e encarada como desnecessária. Mais uma vez, assume-se que os jornalistas, como são normalmente licenciados, têm conhecimentos de sobra de línguas (leia-se, de inglês) para darem conta do recado. Isso não é bem verdade, e muitos acabam a recorrer ao Google Tradutor. O que me parece é que esta hostilidade para com os tradutores na redação tem duas causas: por um lado, aspetos económicos, e por outro, o tal desconhecimento sobre o trabalho de tradução. A crise dos meios de comunicação social, com a redução das tiragens e a gratuitidade do *online* fez com que houvesse uma enorme redução de jornalistas nos meios de comunicação – aliás, o jornalista sempre foi um profissional precário. Portanto, há um enorme receio de que se possa perder o emprego para um outro profissional na redação. Um tradutor, em muitos casos, pode até ser visto como uma ameaça. Ao mesmo tempo, e repito, se a tradução é vista – de forma redutora – como o trabalho de traduzir literalmente, então é claro que se cria a ideia de que o tradutor não faz falta nenhuma nem na redação, nem em lado nenhum. Acho que convencer quem de direito de que não é assim, e de que as secções de internacional podem até beneficiar de ter pelo menos um tradutor presente, é um cavalo de batalha atual não só em Portugal, como um pouco por todo o mundo, muito embora as coisas sejam um pouco diferentes no estrangeiro. Depende do país, depende da economia, e depende da cultura desse país.

Eu vejo o tradutor como um potencial colaborador de imensa utilidade da redação, da mesma maneira que há outros especialistas que trabalham nas redações e que, por acaso, até nem são jornalistas de formação. Mas o que sinto, pelo que tenho lido e não pela minha experiência

profissional (mas o Courrier também é uma publicação atípica nesse sentido) é que há imensa hostilidade em relação à presença do tradutor na redação. Mas devia haver treino, de parte a parte, para que ambas as funções – de jornalista e de tradutor – pudessem ser efetivamente complementares.